

O XXI CONGRESSO DO PCUS — Na 2a. página desta edição publicamos o trecho do informe de Kruschiov ao XXI Congresso do PCUS que trata das relações entre os Partidos Comunistas e Operários e as saudações feitas aos congressistas por Chou-En-Lai, Gomulka e Togliatti. Na foto da TASS vemos um aspecto da instalação daquele importante conclave.

# TRATADO DE ROBORÉ: GRAVE AMEAÇA CONTRA A PETROBRAS

(TEXTO NA PRIMEIRA PÁGINA)

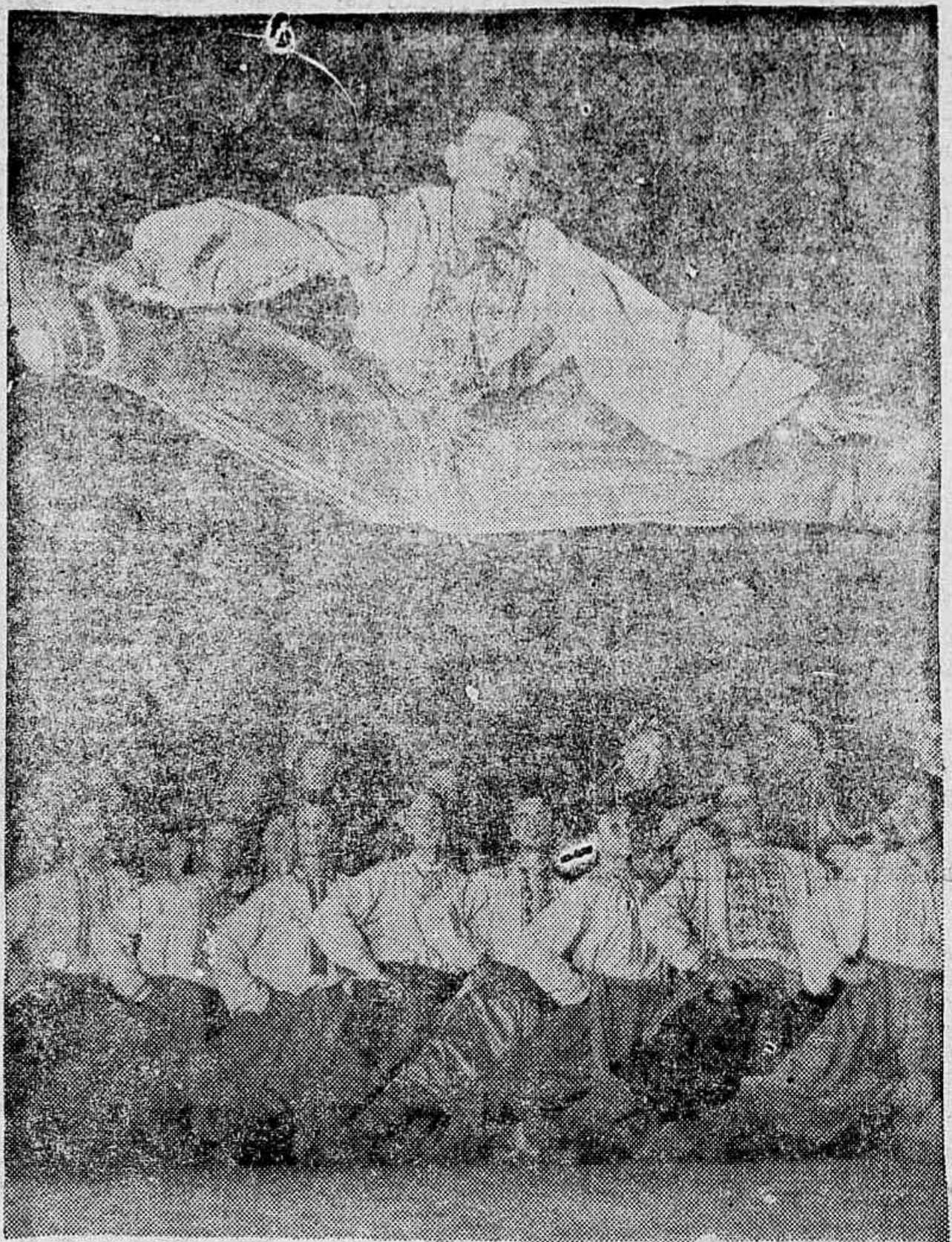


## II Congresso Sindical de Minas Gerais

(Reportagem na pág. Central)

## AS MEDIDAS DE NASSER CONTRA OS COMUNISTAS

(TEXTO NA 8a. PAG.)



DECADA DE LITERATURA E ARTE — Recentemente, realizou-se em Moscou um Festival (dez dias) de literatura e arte da Ucrânia. A foto (TASS) mostra o grupo de danças da Casa de Cultura Taras Chevtchenko, de Melitopol (Ucrânia).

# VOZ OPERÁRIA

RIO de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1959 N.º 505

## OS COMUNISTAS E OS NOVOS GOVERNADORES

(EDITORIAL NA TERCEIRA PÁGINA)



Tudo leva a crer que o novo Parlamento, cujos membros já se empossaram, se caracterizará por uma atuação mais firme e combativa em defesa dos interesses nacionais e do povo. A Frente Parlamentar Nacionalista, além de se fortalecer com um número maior de deputados, contará com a participação de líderes conhecidos por sua combatividade na luta contra o entreguismo. A eleição da mesa da Câmara é o primeiro sinal evidente de que as coisas marcharão melhor na presente legislatura. (Texto na página central).

# VIGOROSA DEMONSTRAÇÃO DE UNIDADE DO MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

O XXI Congresso (extraordinário) do Partido Comunista da União Soviética foi uma nova demonstração da unidade e da coesão do movimento comunista mundial.

Setenta Partidos Comunistas e Operários se fizeram representar no grande fórum dos comunistas soviéticos, enquanto outros lhe enviaram calorosas mensagens de saudação.

O Congresso foi uma vigorosa expressão da força organizada da classe operária internacional.

Através da palavra de seus mais categorizados representantes, os comunistas, os trabalhadores de todo o mundo saudaram o Partido Comunista que primeiro realizou a Revolução socialista, que primeiro se lançou audaciosa e abnegadamente à construção do socialismo e hoje passa à edificação da sociedade comunista.

## SAUDAÇÃO DE CHOU EN-LAI

A República Popular da China, o Partido Comunista chinês enviaram ao XXI Congresso do PCUS uma delegação chefiada por Chou En-lai. Em nome do PC chinês, dirigiu ele palavras calorosas ao Congresso dos comunistas da URSS, dizendo, entre outras coisas:

«A inabalável coesão dos comunistas de todos os países e a garantia fundamental da vitória da causa comum do proletariado de todo o mundo. Depois das Conferências de Moscou de representantes dos partidos comunistas e operários, realizadas em 1957, a nossa coesão se reforçou e desenvolveu ainda mais.»

«Nossas fileiras comunistas internacionais conduziram unânimes a luta contra o revisionismo contemporâneo e alcançaram uma grande vitória. Já foi demeritadamente lesmascarada a verdadeira fisionomia do grupo tuitista, que atua contra o marxismo-leninismo e serve ao imperialismo. E embora os imperialistas e os revisionistas contemporâneos não renunciem de forma alguma a seus tenebrosos intentos, visando minar a unidade das fileiras comunistas internacionais, estes intentos podem, no entanto, conduzir apenas a uma maior coesão de nossas fileiras e a uma mais frágil derrota dos próprios imperialistas e revisionistas.»

Chou En-lai falou em seguida das grandiosas realizações do socialismo na China e tratou especialmente das Comunas Populares. Disse que o salto efetuado na indústria e na agricultura favoreceu o impulso do movimento pela criação das Comunas Populares. Quanto à industrialização da China, Chou En-lai informou que no ano passado a China Popular fundiu mais de 11 milhões de toneladas de aço, três vezes mais do que em 1957. A colheita global de cereais foi de aproximadamente 375 milhões de toneladas, isto é, mais do dobro da produção de 1957. Atualmente, o povo chinês luta para conseguir, este ano, uma produção de aço de mais ou

menos 18 milhões de toneladas e uma colheita global de cereais de aproximadamente 525 milhões de toneladas.

Chou En-lai terminou dizendo: «A União Soviética e a China são países socialistas irmãos. O marxismo-leninismo unifica estreitamente ambos os países e todos os Estados socialistas. Os povos de nossos dois países são os mais íntimos companheiros de armas e já passaram por longas provas. Temos uma amizade comum, como são comuns nossos interesses. A estreita amizade dos povos de nossos países é inquebrantável e perene.»

Os imperialistas, encabeçados pelos Estados Unidos, e os revisionistas contemporâneos iugoslavos não poupam esforços tentando por todos os meios provocar a divisão e minar a coesão entre a China e a União Soviética. Mas nada podem eles aguardar a não ser a decepção. Nossos dois países — a China e a União Soviética — todos os países do nosso campo socialista estarão para sempre unidos e marcharão heróicamente para a frente pela estrada real do comunismo.»



movimento. As Resoluções do XX Congresso, assim como os princípios proclamados na Declaração da Conferência de Moscou, de representantes de partidos comunistas e operários, foram para todos nós uma valiosa contribuição ao nosso trabalho, fortaleceram a unidade e a coesão de

o movimento. As Resoluções do XX Congresso, assim como os princípios proclamados na Declaração da Conferência de Moscou, de representantes de partidos comunistas e operários, foram para todos nós uma valiosa contribuição ao nosso trabalho, fortaleceram a unidade e a coesão de

## PALAVRAS DE TOGLIATTI

O Secretário Geral do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, dirigiu, em nome de seu partido, uma longa saudação ao Partido Comunista da União Soviética reunido em Congresso.

«Camaradas! — disse Togliatti — Vosso Vigésimo Congresso, realizado há apenas três anos, deu início a um novo período, de enorme importância não somente para o desenvolvimento da sociedade soviética e de vosso partido, mas para todo o nosso

movimento. As Resoluções do XX Congresso, assim como os princípios proclamados na Declaração da Conferência de Moscou, de representantes de partidos comunistas e operários, foram para todos nós uma valiosa contribuição ao nosso trabalho, fortaleceram a unidade e a coesão de

nossas fileiras. Deram-nos forças e capacidades para melhor lutar contra nossos inimigos, ajudaram-nos a estabelecer novas e amistosas relações, conduziu uma luta efetiva contra o revisionismo e o dogmatismo, defender a pureza de nossa doutrina e reforçar o internacionalismo proletário em nossas fileiras. Simultaneamente, ajudaram-nos a desenvolver a doutrina marxista-leninista e aplicá-la nas novas condições atuais, a fim de que nosso partido pudesse manter e consolidar sua posição de grande partido de massas, herdeiro das melhores tradições do povo italiano, capaz de conduzir independentemente a classe operária e o povo pelo caminho da democracia e do socialismo.

Neste sentido, camaradas, aprovamos inteiramente a passagem do informe do camarada Kruschiov onde se expõem os princípios das relações recíprocas entre os partidos comunistas e operários.

Vosso exemplo, vossas conquistas foram um fator decisivo para todos nós: nossa evolução ao passado, um período

## O DISCURSO DE GOMULKA

Outra saudação ao XXI Congresso do PCUS que despertou grande atenção dos presentes, foi a do dirigente comunista polonês Wladislaw Gomulka.

«Nossa delegação — disse Gomulka — ouviu também com grande interesse a passagem do informe do cama-

do difícil da luta clandestina, durante a última guerra, como o são hoje.»

«Cada povo — concluiu To-



gliatti — têm sua capacidade criadora, revolucionária, e o partido da classe operária deve saber compreender, estimular e desenvolver esta capacidade, a fim de cumprir a grande tarefa com que nos deparamos.»

rada Kruschiov referente ao problema das relações entre os partidos comunistas e operários, assim como entre os países socialistas. Na nossa opinião, esta forma de expor a questão é necessária e útil. Em nosso partido será recebida com satisfação. Semelhante forma de apresentar o problema traduz o conteúdo do internacionalismo proletário, socialista, e corresponde plenamente a uma situação de fato no movimento comunista internacional, o qual, apoiando-se nos fundamentos do marxismo-leninismo, tornou-se uma grande força, de importância mundial, e nos países socialistas os partidos comunistas e operários se tornaram a força dirigente na vida dos povos. Esta posição, claramente expressa, fortalecerá ainda mais o movimento comunista internacional nos princípios leninistas do internacionalismo, da igualdade e da unidade de ação de todos os partidos comunistas e operários. Ela golpeia os inimigos do socialismo, assim como os revisionistas e renegados do marxismo-leninismo, que falsariam a realidade, afirmando que o Partido Comunista da União Soviética e a União Soviética imporiam sua vontade a outros partidos comunistas e operários, assim como aos países do campo socialista. A realidade é que nosso partido, como os demais partidos — e disso sabemos perfeitamente — man-

têm inteira soberania e igualdade de direitos, eles próprios determinam sua política, re-



solvem todos os problemas de seu país.

A posição autorizada que assumiu o Partido Comunista da União Soviética no movimento operário internacional resulta do desenvolvimento histórico, decorrente do fato de que o PCUS é o primeiro partido que realizou em seu país a vitoriosa revolução socialista, transformou a Rússia atrasada de outrora numa grande potência socialista, construiu o socialismo, acumulou uma rica e valiosa experiência, inicia o caminho da construção do comunismo.»

# AS RELAÇÕES ENTRE OS PARTIDOS COMUNISTAS

No que se refere às relações entre os Partidos irmãos dentro do movimento comunista internacional, partimos sempre da maneira leninista de apreciar a questão. Lênin ensinava que estas relações se estruturam à base da igualdade e da independência dos destacamentos nacionais da classe operária internacional, à base dos princípios do internacionalismo proletário. Precisamente porque todos os partidos são iguais, estabeleceram eles relações de confiança e de colaboração voluntária, voluntária e conscientemente aspiram à unidade de ação, como partes integrantes de um só grande exército do trabalho.

Todos os partidos comunistas são independentes e elaboram sua política partindo das condições concretas de um dado país; alcançaram êxito em sua atividade, ampliam constantemente sua influência, aumentam o número de seus partidários, conquistam autoridade em todas as camadas do povo.

Os ideólogos do imperialismo e dos revisionistas que lhe fazem coro, procuram por todos os meios minar a crescente influência dos partidos comunistas, difundem afirmações falsas de que o movimento comunista seria o «dedo de Moscou» e os partidos comunistas e operários dependeriam do Partido Comunista da União Soviética. Sobretudo os revisionistas iugoslavos esforçam-se por demonstrar que o nosso partido aspiraria à «hegemonia» nas relações com os outros partidos. Até mesmo, em seu programa introduziram eles a tese sobre a «hegemonia». Os revisionistas afirmam que nosso partido intervém nos assuntos internos de outros países e deseja submeter outros partidos comunistas. As

forças reacionárias são particularmente reconhecidas aos revisionistas iugoslavos por essa calúnia.

### PORQUE SURGEM OS PARTIDOS

Para quem quer que conheça o movimento comunista, não representa qualquer dificuldade desfazer as falsas elucubrações da reação internacional e dos revisionistas.

É absurdo pensar que este ou aquele país possa organizar do exterior, onde quer que seja, um partido político da classe operária, que frequentemente conta centenas de milhares e às vezes milhões de membros. Ninguém acredita, por exemplo, que o Partido Comunista Italiano, com seus 2 milhões de membros, o Partido Comunista Francês, com quase meio milhão, o Partido Comunista da Índia, com quase 400 mil membros, bem como outros partidos irmãos sejam «criados por Moscou» e seus filiados sejam «agentes estrangeiros».

Os partidos comunistas surgiram não porque um centro qualquer os «semeia» por

NOTA DA REDAÇÃO. — No último número da VOZ OPERÁRIA divulgamos um resumo do informe de Kruschiov ao XXI Congresso (extraordinário) do Partido Comunista da União Soviética. Era também resumida a parte relativa aos partidos comunistas e operários em âmbito internacional. Hoje, damos textualmente essa passagem do informe de Kruschiov. (Subtítulos da Redação).

todos os países. Semelhantes milagres não existem na natureza. A história do desenvolvimento da sociedade mostra que com o surgimento e o crescimento da classe operária aparecem os partidos comunistas. Isto significa que o movimento comunista surgiu como uma necessidade objetiva, geraram-no as próprias condições de vida da classe operária de cada país. Em todos os países capitalistas existem classes e, consequentemente, existem partidos políticos que expressam seus interesses. Os partidos comunistas são partidos políticos da classe operária, e existirão sempre, enquanto existir a classe operária. É igualmente ridículo pensar que se pode preservar, de um lugar qualquer, a milhões de pessoas congregadas nos partidos comunistas, o que pensar hoje e o que fazer amanhã.

### COMPLETA AUTONOMIA

Diz-se que a «dependência» dos partidos comunistas e operários em relação a Moscou é confirmada pelas declarações de que o PCUS está à frente do movimento comunista internacional. Para isto baseiam-se em determinada tese da Declaração da Conferência de Moscou de que o campo dos Estados socialistas é encabeçado pela União Soviética.»

Os comunistas da União Soviética e de todos os demais países consideram que assim rendem homenagem ao nosso país e à classe operária, que, sob a direção do Partido Comunista, liderado pelo grande Lênin, foi a primeira a realizar a revolução socialista, a tomar o poder em suas mãos. Através de mais de 40 anos, foi trilhado um longo e difícil caminho de lutas e vitórias e fundado um poderoso Estado, que se tornou a cidadela de todos os países socialistas e do movimento comunista mundial.

Entretanto, é necessário sublinhar que no movimento comunista, como no campo socialista, existiu e existe completa igualdade e autonomia de todos os partidos comunistas e operários e países socialistas. Na realidade, o Partido Comunista da União Soviética não dirige quaisquer partidos, a União Soviética não lidera quaisquer países. No movimento comunista não existem partidos «superiores» e «inferiores». Todos os partidos comunistas e operários são iguais em direitos e independentes, todos são responsáveis pelo destino do movimento comunista, por seus sucessos e vitórias. Cada partido comunista e operário é responsável perante a classe operária, perante

# OS COMUNISTAS E OS NOVOS GOVERNADORES

**COM a posse dos novos governadores, manifesta-se a esperança de uma fase mais promissora na vida administrativa de vários Estados. As eleições de 3 de outubro revelaram a aspiração do eleitorado a uma mudança nos rumos da administração estadual, expressando o sentimento generalizado de repúdio a politiquelros que nada fizeram para solucionar problemas prementes de caráter regional e local.**

**A** este sentimento se deve, sem dúvida, a eleição de vários governadores por amplas ligações de forças políticas que assumiram com o povo compromissos de caráter nacionalista e democrático. Agora que assumem os postos de governo, homens como Cid Sampaio, Roberto Silveira, Leonel Brizola, Gilberto Mestrinho, Chagas Rodrigues e Luiz Garcia, é necessário assegurar-lhes o apoio e a cooperação indispensáveis para a realização dos programas que se propuseram executar. Os comunistas, que foram batalhadores incansáveis pela eleição dos candidatos nacionalistas, estão dispostos a apoiar com o mesmo entusiasmo os esforços dos governadores eleitos para pôr em prática os planos administrativos que lhes asseguraram o sufrágio popular. Esta colaboração os comunistas a oferecem por todas as formas, esforçando-se em contribuir positivamente para a solução de cada problema concreto em que se empenhar o governo estadual. Certamente, tal atitude construtiva não exclui a crítica aos atos negativos que porventura contribuíam para afastar os governos eleitos dos compromissos assumidos com o povo.

**ALGUNS dos novos governadores se elegeram à base de compromissos com grupos reacionários e antinacionais, embora contassem também, por diversos motivos, com o sufrágio de setores nacionalistas e populares. Neste caso se encontram os srs. Carvalho Pinto, Juraci Magalhães, Parsifal Barroso, José Felicia-**

**no e Carlos Lidemberg, que não receberam o apóio eleitoral dos comunistas. Ainda que tivessem combatido estas candidaturas e procurado expor ao eleitorado suas vinculações reacionárias, os comunistas não adotam uma posição negativa preconcebida em relação aos governos eleitos. Nas condições atuais, quando a situação evolui favoravelmente ao nacionalismo e à democracia, a ação das forças populares e progressistas pode exercer influência considerável nos rumos destes governos e conduzi-los a realizar medidas favoráveis aos interesses nacionais e populares. Isto é tanto mais possível quando se sabe que entre as forças que constituem a base política destes governos encontram-se também ponderáveis correntes nacionalistas e democráticas.**

**O que decidirá da política a ser seguida pelos governos estaduais recém-empossados não são apenas as inclinações pessoais dos governadores, nem as composições de forças que serviram de fundamento à sua eleição, embora tais fatores exerçam, sem dúvida, um importante papel. Dadora por diante, terá uma influência cada vez maior nos acontecimentos a pressão das forças populares sobre o governo, a apresentação de exigências dos setores patrióticos e democráticos.**

**NENHUM governo pode hoje ter estabilidade sem contar com o apoio dos trabalhadores e do povo. E nenhum governo contará com este apoio se não for sensível aos problemas da massa, se não fizer esforços concretos para resolvê-los, se não buscar a colaboração das forças verdadeiramente nacionais e populares. O repúdio das massas, em 3 de outubro, às camarilhas reacionárias de Etelvino, Peracchi e Anaral mostrou que não há futuro para os pretensos líderes que se apóiam no que há de velho e caduco e desconhecem o que é novo e progressista na sociedade.**

# UM BALANÇO NEGATIVO NA POLÍTICA EXTERIOR

No discurso que assinalou o terceiro aniversário de seu governo, o Presidente Juscelino Kubitschek, como era de esperar num balanço de mais da metade de seu período presidencial, tratou da política exterior do Brasil. E embora queira nos convencer de que houve uma mudança de diretrizes políticas «depois de auscultar profundamente o sentimento nacional», não se percebem resultados de tal mudança. No discurso de JK, a política exterior do Brasil continua a cifrar-se nas relações com os Estados Unidos, ou quando muito na política interamericana.

Em que ficaram as promessas do candidato à chefia suprema do governo quando anunciou relações amistosas e colaboração com todos os países, quando vaticinou "uma nova abertura dos portos"?

Em nossa época, a política exterior de qualquer país é um setor fundamental de sua vida. Nenhuma nação pode mais alhear-se ao que se passa no resto do mundo, fechar-se em si mesma, isolar-se, como pretendiam os EE. UU. num certo período. Os formidáveis avanços da técnica, da ciência, dos meios de comunicação aproximam cada vez mais os povos, impõem a colaboração interna-

cional. Mas, na prática, mantemo-

nos à margem deste grandioso processo histórico. Por nossa situação de país economicamente dependente dos Estados Unidos, recusamos a romper decisivamente com esta situação humilhante e estabelecer relações normais com os demais países. Impossibilidade de fazê-lo? De forma alguma. Até mesmo pequenos países quebram as grilhetas com que os atavam os monopólios internacionais e conquistam sua independência. Os exemplos estão aí à vista de todos. É o Egito, que enfrenta sozinho duas antigas potências coloniais, a Inglaterra e a França, e leva a melhor. É o Iraque, que abandona pactos militares que lhe reduziam a soberania e dispõe-se a en-

frentar o poderio bélico com que os ameaçam os próprios Estados Unidos ao desembarcarem no Líbano. Na América Latina mesmo, a pequena Cuba, antiga possessão norte-americana, põe por terra uma ditadura servil do imperialismo ianque e se propõe a seguir uma política externa independente.

Por que não podemos nós, um grande país, o mais populoso da América Latina, em pleno desenvolvimento econômico, seguir uma política exterior concorde com os supremos interesses nacionais?

É de miopia absoluta a limitação da política exterior brasileira à Operação Pan-Americana, como o faz o presidente Kubitschek. Perfeitamente legítimo que exijamos uma modificação radical nas nossas relações com os Estados Unidos, ou como disse o Presidente "levar os Estados Unidos a uma compreensão mais perfeita das necessidades vitais desta parte do Continente". Não é porém colocando a questão na dependência da boa vontade do governo e dos homens de negócios norte-americanos que o conseguiremos. Este importante

passo em nossa política externa depende fundamentalmente de nós próprios, da nossa iniciativa, de termos voz ativa nos problemas que nos afetam. Enfim, deixarmos realmente de ser a "retaguarda característica" dos norte-americanos, a que se referiu certa vez o próprio sr. Kubitschek. É uma necessidade termos relações mais estreitas com os países da América Latina, nossos vizinhos, nossos amigos, cujos interesses coincidem em geral com os nossos.

Mas o mundo não é o Continente americano. O presidente Kubitschek mostra-se sempre muito cioso "do futuro", do julgamento da História, quanto ao seu governo. E os nossos filhos e netos poderão com razão indagar: Que fez o Presidente Kubitschek para normalizar as relações do Brasil com o maior país da Europa, a União Soviética? que fez o Presidente Kubitschek para normalizar as relações do Brasil com o maior país da Ásia, a China?

São sobrejamente conhecidas as boas disposições dos chefes dos governos destes dois grandes países — duas

# MENSAGEM DE PRESTES AO P.C.U.S.

Em nome dos comunistas brasileiros, Luis Carlos Prestes enviou a seguinte mensagem ao XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética:

Em nome dos comunistas brasileiros e certos de interpretar os sentimentos de solidariedade e amizade do povo brasileiro para com os povos soviéticos, transmitimos ao XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética nossas saudações mais calorosas.

O extraordinário e rápido desenvolvimento da economia e cultura socialistas e os notáveis êxitos alcançados no terreno da ciência e da técnica pela União Soviética, sob a direção do glorioso Partido de Lênin, são acompanhados com admiração e entusiasmo pelo povo brasileiro. Para todos nós que lutamos contra a política colonialista dos imperialistas, constituem motivo de alento e de crescente entusiasmo a firme e persistente política soviética em defesa da paz e em apoio da luta de emancipação dos povos coloniais e dependentes.

Fazemos votos que a União Soviética realize com êxito o Plano septenal. Será este um novo e grande passo no caminho que, com a realização nos próximos quinze anos do programa econômico de construção do comunismo, levará à supremacia definitiva do socialismo sobre o capitalismo.

A luta que a nação brasileira realiza contra o imperialismo norte-americano e seus agentes internos e que tem por objetivos o desenvolvimento da economia do país, a emancipação nacional e o bem-estar dos trabalhadores, encontra poderoso estímulo nos sucessos obtidos pela União Soviética. Cada dia mais consciente de que esta luta constitui parte integrante da luta mundial pela paz, o povo brasileiro exige com crescente vigor o estabelecimento de relações do Brasil com a União Soviética.

Avallamos a enorme influência que exercerá o XXI Congresso no reforçamento da luta pela convivência pacífica entre as nações, bem como para a unidade e a solidariedade internacional da classe operária. O XXI Congresso constituirá nova e

inestimável contribuição para o fortalecimento da unidade do movimento comunista mundial.

Expressando nossa confiança no PCUS, auguramos ao seu XXI Congresso êxito completo.

Viva o glorioso Partido Comunista da União Soviética e seu XXI Congresso!

Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1959.

(as.) Luis Carlos Prestes\*

## semana PARLAMENTAR

PAULO MOTTA LIMA

### O Entreguismo do BNDE, o Cônego Fonseca e o «Big-stick»

Um discurso do sr. Gabriel Passos a respeito da questão do petróleo boliviano encerrou a atuação da Frente Parlamentar Nacionalista, na legislatura que findou, sobre os problemas brasileiros de máxima importância. Minutos antes do representante mineiro havia ocupado a tribuna o cônego Fonseca e Silva, de Goiás, figura curiosa. Do ponto de vista político, um confusionista, com tendência visível ao reacionarismo. Contudo, muito divertido. Não tendo sido reeleito, o cônego Fonseca e Silva despediu-se. E ao fazê-lo, revelou qualidade até então desconhecida pela bancada de imprensa: apresentou-se como jornalista. «Em 1922 escrevi o meu primeiro artigo e toda a minha vida circunscreveu-se à imprensa. Para mim, a melhor arma que possuo não é a do sacerdote, nem a possível eloquência do sertão. Minha maior arma foi meu jornal, onde combati e defendi a Aliança Liberal, que depois pisamos com a ditadura».

Feitas essas comunicações importantes e graças a uma guinada violenta de sua eloquência sertaneja, o cônego Fonseca e Silva, passou a elogiar, em termos que o levaram a cometer o pecado venial da exageração, o sr. Roberto Campos, o eminente entreguista do BNDE, chamando-o de «meu oráculo, oráculo de minha própria formação religiosa», só porque o Banco de Desenvolvimento Econômico financiou as obras da Cachoeira Dourada...

Voltemos porém ao sr. Gabriel Passos. Disse o representante mineiro que ao examinar os Acórdos de Roboré ficou perplexo, ante seus aspectos de inconveniência e ainda mais admirado ao ver como um homem da inteligência do sr. Roberto Campos (o oráculo da formação religiosa do padre Fonseca e Silva) torcera seus termos para pior, baseado num raciocínio escolástico, através de esquemas sem fundamento na realidade, de equívocos e de sofismas.

A doutrina que em 1938 orientava, quanto ao petróleo, as autoridades brasileiras, era bem diversa da de hoje. Isto porque naquela época aceitava-se a tese da inexistência do petróleo em nosso País. Em relação à Bolívia, observou o sr. Gabriel Passos que durante anos a política de petróleo boliviano, inclusive seu Código de Petróleo, foi manipulada por um homem que abandonou o Departamento de Estado norte-americano para se dedicar, já então diretamente, ao serviço dos trustes petrolíferos dos Estados Unidos.

Assim, o Acôrdo de Roboré e as notas reversais elaboradas à sua base repousam num terreno perigosíssimo. E toda a engrenagem constituída pelo Acôrdo e pelas notas, vem sendo, sob a direção de homens como o sr. Roberto Campos e com a utilização de conhecidos testas de ferro, utilizada como instrumento do entreguismo. Essa engrenagem vem abrindo caminho e removendo dificuldades que as companhias americanas não querem enfrentar na Bolívia. Em síntese: Acôrdo e notas servem aos interesses colonialistas na Bolívia, desservem à Bolívia, que através deles se vê saqueada e colocam o Brasil na posição ridícula dos que tiram castanhas do fogo para os mais sábidos.

Ponto igualmente importante do discurso do sr. Gabriel Passos é aquele em que o representante de Minas observa que não têm validade os instrumentos internacionais relativos ao petróleo da Bolívia, de vez que o Congresso não ratificou nenhum deles, o que seria absolutamente necessário, segundo o Artigo 66 da Constituição, quando determina que é da competência exclusiva do Congresso Nacional «resolver definitivamente sobre os tratados e convenções celebradas com os Estados estrangeiros pelo Presidente da República».

Também merece registro, entre os discursos dos últimos dias da legislatura que se encerrou, o pronunciamento do sr. Hermógenes Príncipe, sobre nossas relações com os Estados Unidos. Embora apreciando, com excessivo otimismo, os intuítos e possíveis efeitos da OPA do sr. Kubitschek, protestou o representante da Bahia contra a política de «pressões de certos grupos econômicos com interesses particulares na América Latina», pressões que por vezes se refletem «desastrosamente na atuação do Departamento de Estado, lembrando antigas pretensões de tutela, do tempo do «big-stick».

grandes potências mundiais — de reatar relações com o Brasil. Numa demonstração inédita dessa disposição, tanto o Primeiro Ministro Kruschiov como o Presidente Mao Tse-tung fizeram declarações categóricas neste sentido a jornalistas brasileiros. Por que não correspondemos a essas manifestações de boa vontade, de desejo de aproximação amistosa entre os povos? Quanto mais que os nossos governantes estão sempre a jurar seu amor à paz, seu empenho de fraternidade internacional.

Onde a «nova abertura dos portos», o comércio do Brasil com todos os países, de que

falava há três anos e tanto, o sr. Juscelino Kubitschek? Linguém ignora que um país altamente industrializado como a União Soviética tem-se prontificado reiteradamente a entabular relações comerciais mutuamente vantajosas com o nosso país.

Isto, por acaso, é sinal de uma política exterior independente?

O Presidente Kubitschek (CONCLUSÃO DA 2ª PAG.)

# VINGANÇA CONTRA OS AUTÁRQUICOS?

Não se pode admitir que uma pessoa investida no alto cargo de Presidente da República, como é o caso do sr. Juscelino Kubitschek, possa perder seu precioso tempo procurando prejudicar milhares de pequenos funcionários que prestam serviços ao Poder Executivo, por um espírito de vingança a uma derrota sofrida em seus injustos propósitos.

O Congresso Nacional, compreendendo muito bem as dificuldades por que estão passando os servidores civis e militares da União, federais ou autárquicos, aprovou a Lei que concede o abono de 30% a partir de primeiro de janeiro, rejeitando sumariamente todas as proposições do governo que visavam a protelar o seu pagamento. Sofreu assim o sr. Juscelino um duro revés, de que não esqueceu. E, pressionado pelo movimento de opinião pública, foi obrigado a sancionar a Lei sem qualquer veto, o que significa dizer, que ela deveria ser imediatamente regulamentada e aplicada, independentemente de quaisquer medidas.

Assim mesmo o sr. Juscelino não perdeu tempo em procurar uma forma de prejudicar uma parcela ponderável desse funcionalismo. No Decreto que regula a concessão do abono, não sabemos baseado em que, pois nada encontramos no texto da Lei, o sr. Juscelino resolveu que o abono aos funcionários ativos e inativos das autarquias federais e entidades paraestatais ficasse condicionado ao seguinte:

a) Indicação dos recursos financeiros que deverão fazer face ao abono provisório;

b) demonstrativo da situação financeira da entidade inclusive alteração orçamentária para ocorrer às despesas do abono se for o caso.

Encaminhadas ao DASP, este examinará com a 'prezença' que lhe é peculiar, com o Ministério da Fazenda (que nada tem a ver com as entidades de Previdência Social, e não ser o pagamento do

débito do governo) o excedente de cada entidade e encaminhará, a seguir, à aprovação do Presidente da República projeto de Decreto que concede o abono provisório.

Ora, se na Lei não se encontra nenhum dispositivo dizendo que a concessão do abono provisório depende da situação financeira, apesar da proposição taxativa feita pela mensagem do Poder Executivo nesse sentido, por que o sr. Juscelino insiste em criar dificuldades aos que trabalham naquelas autarquias e entidades e suas famílias?

A Lei que concede o abono provisório ao estendê-lo aos mencionados na letra «F» do art. 2º, diz textualmente, no parágrafo 1º do mesmo artigo, o seguinte:

«O abono de que trata a letra «F» deste artigo será concedido mediante Decreto do Poder Executivo».

Isto só e nada mais. Portanto, não cabe ao chefe do Poder Executivo, exorbitando de suas funções e desrespeitando o Parlamento Nacional inventar textos de Lei que venham prejudicar a uma grande parcela dos que lhes prestam serviços.

Ou será que os funcionários prejudicados de uma maneira tão injusta, terão o direito de pagar os preços das utilidades sem o vertiginoso aumento destes últimos meses?

Querirá o sr. Juscelino que lhe lembremos a alta es-

candalosa dos preços hipoteticamente «congelados»?

E, especificamente no caso da Previdência Social, porque procurar a desculpa de estudar a situação financeira para atender ao pagamento do abono?

O credor, e grande, é a Previdência Social. O seu crédito junto à União, as entidades Estaduais e Municipais, e aos empregadores particulares, sem calcular os juros legais, ultrapassa de 60 bilhões de cruzeiros, ou seja quase a metade do dinheiro circulante.

E acresce que, com o aumento do salário mínimo, a arrecadação da Previdência Social, elevar-se-á muito, apesar da vergonhosa sonegação feita pelos que lhe devem as contribuições.

É, ao ferir o texto da Lei, e os direitos dos que trabalham, fica o Chefe do Poder Executivo sujeito a um mandato de Segurança dos prejudicados, para cumprir rapidamente o que determina o texto da Lei.

Fica o Presidente da República responsável pelas dificuldades que criou para uma parte do povo brasileiro, protelando de uma maneira tão injusta, o pagamento do que lhes é devido. E fica também responsável pelo pagamento dos juros de mora que as leis garantem aos credores que não receberam em seus créditos no prazo do vencimento.

Mas lhe fica também a oportunidade de reparar imediatamente o grande mal que causou.

*Em João Pessoa*

## OPERÁRIOS E ESTUDANTES EM PACTO DE UNIDADE

JOÃO PESSOA (Do correspondente) — Estudantes universitários e secundaristas deste Estado e grande número de trabalhadores celebraram, no dia 22 último, na sede da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Paraíba um pacto de solidariedade mútua para defesa de suas reivindicações comuns.

Falaram durante a reunião os líderes estudantis Fernando Pereira, Malaquias Batista, João Manoel de Carvalho, Onacyr Gomes da Silva, jornalista Joaquim Ferreira Filho, vice-presidente do Movimento Nacionalista, além dos líderes operários Alfredo Duarte de Aquino, presidente da Federação dos Trabalhadores, Antônio Jaime, pre-

sidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil, Severino Amarel e outros.

A defesa mútua dos interesses comuns de operários e estudantes bem como uma ativa participação no Movimento Nacionalista foram os pontos fundamentais que serviram de apoio à aliança do proletariado e dos estudantes.

O jornalista Ivaldo Falconi, presidente do Movimento Nacionalista deste Estado pronunciou uma conferência sobre a luta pela emancipação econômica do Brasil. Foi também orador neste ato e jornalista Joaquim Ferreira Filho.

# NOTAS sobre LIVROS

\* ASTROJILDO PEREIRA \*

O ensaio e a crítica literária apresentaram colheita de variada importância durante o ano de 1958. Alguns nomes e títulos devem ser especialmente mencionados: Mário de Andrade — Cartas a Manuel Bandeira; Afrânio Coutinho — Da Crítica e da Nova Crítica; Otto Maria Carpeaux — Presenças; Eduardo Portela — Dimensões I; Cavalcanti Proença — Trilhas do Grande Sertão; Adonias Filho — Modernos Ficcionistas Brasileiros; João Pacheco — O Mundo que José Luis do Régio Fingiu; Murilo Araújo — Quadrantes do Modernismo Brasileiro; Meicio Tati — Estudos e Notas Críticas; Osvaldo Ferreira de Melo (filho) — Introdução à História da Literatura Catarinense; Paulo Rónai — Encontros com o Brasil; Eugênio Gomes — Aspectos do Romance Brasileiro. Já me referi, no devido tempo, aos livros de Augusto Meyer, Eugênio Gomes, J. Galante de Souza, Francisco Patti, R. Magalhães Júnior, consagrados a Machado de Assis, e não é preciso repetir nem detalhar o registro. Já me ocupei igualmente do ensaio de Barbosa Lima Sobrinho — A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil.

A crítica literária propriamente dita passa por um período de polêmica e renovação, que oferece aspectos de incontestável interesse, mas ainda meio confusos, não suficientemente esclarecidos. Muito se tem falado de "new-criticism" e de "crítica impressionista" como ponto básico de discordância entre novos e velhos métodos de crítica literária. Não me parece exata essa colocação do problema, e a verdade é que a fase aguda da polêmica travada nesse confuso terreno está superada. Pouco a pouco vai-se delineando o ponto nevrálgico do debate e da luta de tendências: crítica de orientação idealista ou crítica de orientação materialista. A "crítica impressionista" entrou na batalha por equívoco; pois também ela está impregnada de subjetivismo idealista; mas tornou-se por isso mesmo um alvo fácil aos ataques do "new-criticism".

A corrente idealista, representada principalmente por Afrânio Coutinho, Eduardo Portela e Adonias Filho, cada qual com a sua "nuance", vem predominando qualitativamente entre nós, nos últimos anos, e isto se prende em boa parte ao papel desempenhado pelas Faculdades de Filosofia e Letras, relativamente novas no Brasil, nas quais é quase absoluto o domínio da filosofia idealista, inclusive em suas feições mais obscurantistas, ditadas pela Igreja Católica.

Os críticos de tendência consequentemente materialista são muito poucos, nem dispõem dos mesmos meios (catedras, revistas, editórias, jornais) que os outros. Trazem um combate desigual, aliás, muito menos no terreno do debate teórico do que na prática e no exercício da crítica de livros e de idéias. É claro que semelhante situação não pode perdurar por muito tempo, nem faltam armas aos materialistas para realizar uma tarefa teórica que se torna necessária e urgente.

Há também os ecleticos, e são mesmo a maioria, quase sempre autodidatas e sem qualquer orientação filosófica definida. Esse tipo de crítico ou ensaísta tende a diminuir, com o correr do tempo; isto é certo, mas entre nós o fenômeno será provavelmente lento e contraditório. Tudo relacionado, afinal, com as próprias condições em que se desenvolve o País.

Não é esta a ocasião, nem é este o lugar para um exame mais a fundo do assunto: estou apenas levantando a lebre. Mas vem a propósito lembrar que permanece válida a ideia fundamental, segundo a qual a literatura de cada época possui certas características particulares, que a vinculam precisamente às condições históricas então existentes. A literatura e a arte em geral não caem do céu por acaso, nem tão pouco os críticos, conforme observava em seu tempo Plekhanov. Também os críticos são gerados pela história e não podem fugir à pressão das condições sociais do lugar e do momento em que vivem. Suas concepções e opiniões críticas são também um reflexo da sociedade. Foi assim no passado e é assim no presente, e assim será no futuro. Eis o que é de primordial importância a considerar na matéria em debate.

Entre os livros que me escaparam, na resenha feita até aqui, figuram — no romance: Ondina Ferreira — Inquietação; Reinaldo Moura — Romance no Rio Grande; Nestor Duarte — Tempos Temerários; Plínio Bastos — Talvez Alguém se Salve; Carlos Heitor Cony — O Ventre; Irene Tavares de Sá — Passos na Areia; Paulo Rodrigues — O Menino e o Rio; Luiz Peixoto Gomes Filho — A Metade Partida; — no conto: José Louzeiro — Depois da Luta; Celso Brant Bicho de Pé; Lausimar Laus — Fel da Terra; no teatro: Guilherme Figueiredo: Tragedia para Rir; Edmundo Lys — O Retábulo do Alferes-Mór; Heloísa Maranhão — Palácio da Terra; Joracy Camargo — Encruzilhada; na poesia: Gilberto Mendonça Teles — Planície; Fernando Ferreira Pessoa Os Instrumentos do Tempo; Ferreira Gullar — Poemas.

## Plano do PC Britânico contra a recessão

O jornal "Daily Worker" divulgou recentemente um plano aprovado pela Comissão Executiva do Partido Comunista Britânico no sentido de ser detida a recessão econômica no país.

O plano compreende quatro pontos, a saber:

- 1) acabar com as dispêncas, lutar contra o fechamento de minas, exigir trabalho em dias alternados e uma semana de trabalho mais curta;
- 2) aumentar o poder aquisitivo através de salários mais altos, pensões e benefícios, acabando com o imposto de consumo;
- 3) expandir a indústria e encontrar o capital necessário, mediante cortes no orçamento para armamentos; controlar a política de investimentos pela expansão da nacionalização para os setores básicos da construção naval, de máquinas, edificações e materiais de construção, indústrias químicas, e têxtil, além da renacionalização da indústria do aço e do transporte;
- 4) aumentar o comércio exterior, através da supressão das restrições ao intercâmbio leste-oeste e da concessão de empréstimos vantajosos aos países sub-desenvolvidos.

# O CICLO ECONÔMICO DO APOS-GUERRA

O desenvolvimento do capitalismo mundial neste após-guerra, vem dando motivo a fecundos estudos e polémicas nos meios marxistas. Já se acha superada a maneira de encarar a atual etapa da história do capitalismo como simples repetição das etapas anteriores. Aquela maneira dogmática conduziu, logo nos primeiros anos de após-guerra, a esperar, em breve prazo, uma nova crise igual à de 1929-33, ou a proclamar a impossibilidade de qualquer avanço importante das forças produtivas nos países capitalistas. O atraco dos estudos marxistas foi naturalmente aproveitado pelos eco-

## VIDA ECONÔMICA

nomistas de orientação burguesa aberta ou disfarçada para elaborar as teorias sobre o "néo-capitalismo", sobre um capitalismo capaz de evitar as crises e de criar o chamado "estado do bem-estar geral". A situação econômica de 1958, principalmente nos Estados Unidos, veio abalar fortemente essas ilusões. Mas para os economistas marxistas ficou mais sério ainda o dever de colocar a sua ciência em dia com os acontecimentos da vida real.

UMA questão teórica de grande importância que os economistas marxistas vêm debatendo é a que se refere às características do ciclo do após-guerra. Da polêmica participam economistas da URSS, das democracias populares e de países capitalistas. Todos são unânimes no seguinte ponto: o capitalismo continua capitalismo, com as mesmas contradições fundamentais, mas estas se manifestam em ciclos e crises cujas características diferem bastante dos ciclos e crises do século XIX e mesmo das primeiras décadas deste século. Aqui é preciso levar em conta que já não estamos em presença de um capitalismo por assim dizer "normal", mas de um capitalismo decadente, por demais maduro para ceder o seu lugar ao socialismo.

SEGUNDO o famoso economista de origem húngara, Eugênio Varga, membro da Academia de Ciências da URSS, seria justo excluir as guerras mundiais dos ciclos econômicos. A este respeito, veja-se o seu trabalho publicado no 2º número da revista "Estudos Sociais". Varga argumenta que as guerras são acontecimentos de ordem não só econômica, mas também extra-econômica. No caso de guerras mundiais, todo o curso do ciclo é perturbado e interrom-

pido. Considerando ainda as consequências imediatas do período bélico (necessidade de reconversão da indústria para fins pacíficos, etc.), o primeiro ciclo deste após-guerra teria tido início em 1947, prolongando-se até 1957, em cujos últimos meses se iniciou uma crise econômica nos Estados Unidos. As causas da duração excepcional do ciclo, são apontadas por Varga especialmente na militarização da economia, nas grandes necessidades de renovação do capital fixo e na dilatação artificial do mercado através das vendas a crédito.

ALGUMAS afirmativas essenciais de Varga, foram contestadas pelo economista soviético L. Mendelson, num informe apresentado a uma conferência realizada de 1º a 4 de outubro do ano passado na Universidade Humboldt, de Berlim, reunindo economistas de 14 países. Segundo o prof. Mendelson é metodologicamente falso excluir as guerras mundiais do desenvolvimento cíclico do capitalismo. O que se deve ter em vista é que este desenvolvimento cíclico se deforma, porém não deixa de se realizar, uma vez que seria absurdo supor que as leis inerentes ao capitalismo atuam em tempo de paz, porém interrompem sua atuação nos períodos de guerra. O prof. Mendelson propôs introduzir na literatura marxista a conceitualização de um novo tipo de crise: as crises inflacionárias de guerra. Considera ele que uma crise deste tipo dominou a Europa Ocidental e o Japão de 1945 até quase 1950, tendo se refletido também nos Estados Unidos. Estes sofreram logo após a segunda guerra mundial uma crise parcial de super-produção e já em 1948 eram atingidos por uma verdadeira crise de super-produção que encerrou o ciclo iniciado com a crise de 1938. O ano seguinte, 1949, é considerado pelo prof. Mendelson como ponto inicial do novo ciclo de após-guerra para o mundo capitalista em geral.

FINALMENTE, ao contrário de Varga, considera o prof. Mendelson que ainda não se pode falar em crise mundial de super-produção no sistema capitalista, embora já estejam maduras as premissas fundamentais para a eclosão de uma crise dessas proporções e já surjam os seus primeiros sintomas em numerosos países.

O resumo dos debates da conferência de Berlim foi publicado pela revista "Economia mundial e relações internacionais", de Moscou. Estes debates demonstram que o marxismo, libertado da compressão dogmática, possui insuperável vitalidade. Melhor do que qualquer outra teoria, o marxismo permite estudar e explicar cientificamente os novos fenômenos do capitalismo contemporâneo.



# PLANO DE MISÉRIA E DESEMPREGO — EIS A «AUSTERIDADE» DE FRONDIZI

Victorio Codovilla, secretário Geral do PC Argentino, faz detalhada análise da situação no país irmão

Falando na reunião do Comitê Central Ampliado do Partido Comunista Argentino, realizada nos dias 10 e 11 do mês passado, Victorio Codovilla, Secretário Geral do Partido, pronunciou importante discurso, de que damos, a seguir, alguns trechos. Depois de caracterizar brevemente, a situação no país e de expor, também de forma sucinta, o desenvolvimento da situação internacional, o orador passa a uma detalhada análise da realidade argentina.

Segundo Codovilla, a grande contradição que marca a atual situação no país reside na necessidade de profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, de uma parte e, de outra, na política adotada pelo governo Frondizi, de defesa aberta dos interesses tradicionais da oligarquia agropecuária, do grande capital e dos monopólios estrangeiros. E uma vez que tal política do governo suscita crescente resistência da classe operária e do povo, o governo lança mão da violência — das mobilizações militares e do estabelecimento do estado de sítio por tempo indeterminado.

Ante a crescente capitulação do governo de Frondizi ante as forças da reação interna e do imperialismo — prossegue Codovilla — a ação das massas destinada a evitar que esta capitulação se realize completamente e, deste modo, consiga que a Argentina marche pela senda da democracia, do bem-estar social, da independência nacional e da paz, tem-se revelado suficientemente.

Explicou, depois, que foi considerável a influência do Partido na eleição de Frondizi, não apenas dando-lhe seu apoio, como recomendando às demais forças democráticas que fizessem o mesmo. E, ao subir ao poder, prossegue Codovilla, o governo de Frondizi contava com um apoio de massas tão grande como jamais teve antes qualquer outro governo, o que correspondia ao programa democrático e progressista que se comprometia a defender.

## PODER FORMAL E PODER REAL

"Por que, mesmo tendo tanto apoio de massas, o governo de Frondizi pôde abandonar o programa prometido ao povo?" — pergunta Codovilla, para em seguida responder:

"1º — porque, como já o tem dito nosso Partido, esteja quem estiver no Governo, desde 1930 até agora sempre existiram dois poderes: o formal — o poder civil — que corresponde ao governo eleito ou não pelo povo; e o real — o poder militar — composto por uma parte dos chefes reacionários das forças armadas, através dos quais a oligarquia e o imperialismo impõem sua direção ao poder formal;

"2º — porque, como também o tem declarado reiteradamente o nosso Partido, e esta experiência o comprova de maneira convincente, nenhum governo que se apoiou num só partido de composição pequeno-burguesa e burguesa é capaz de resistir à pressão da oligarquia, do imperialismo e dos elementos reacionários das forças armadas. Para resistir à oligarquia e ao imperialismo e vencê-los, só um governo de ampla coalizão democrática, de que participem todas as forças políticas e sociais democráticas e progressistas — incluindo, claro está, a classe operária com o seu partido, o Partido Comunista — e que se apoiem numa poderosa frente democrática nacional, an-

tiligárrica, e antiimperialista;

"3º — porque tal frente não existia e ainda não existe, como também porque a unidade e a luta da classe operária e das massas populares foram até agora insuficientes para contrapor-se à pressão das forças reacionárias e obrigar o Governo a marchar pelo caminho democrático e progressista."

Afirma, a seguir, Codovilla que se o governo Frondizi não sentiu suficientemente a pressão das massas para aplicar o programa com que se elegeu, deve-se, em particular, à falta de unidade da classe operária e ao fato de que esta não desempenha o papel que lhe cabe como força dirigente da população laboriosa. A classe operária, disse, "não conseguiu ainda desprender-se de influências ideológicas e políticas daqueles setores da burguesia cujos interesses estão entrelaçados com os do imperialismo; em particular, da influência da ideologia peronista."

## A VERDADEIRA DEMOCRACIA

O povo argentino, sustentou Codovilla, não conheceu ainda o que é uma verdadeira democracia, pois sofreu durante décadas, governos ditatoriais e semiditatoriais, civis e militares, que se mantiveram no poder mediante o estado de sítio e outras medidas de exceção. Afirmou, depois, que do ponto-de-vista institucional, pôde o governo abandonar tão depressa o programa a que se comprometera, devido ao regime presidencialista, que outorga de fato plenos poderes ao Presidente e nenhum ao resto do Poder Executivo, nem ao Poder Legislativo. Defendeu, então, as exigências do Programa do Partido relativamente ao governo parlamentar, ao princípio de revogação dos mandatos dos representantes que não cumprirem os programas prometidos e ao sistema proporcional para que os corpos colegiados reflitam a vontade popular. Como exemplos, citou o Conselho Deliberante, eleito sob o sistema proporcional e que era uma caixa de ressonância da vontade popular e o atual Parlamento, eleito sob o sistema de lista incompleta, mero instrumento de legalização das medidas do Presidente.

## "AUSTERIDADE E SACRIFÍCIOS"

Com o discurso de 29 de dezembro, de "austeridade e sacrifícios", o governo de Frondizi "abandonou completamente o programa de 23 de fevereiro e se transformou conscientemente no defensor dos interesses das forças tradicionais da oligarquia, dos latifundiários, do grande capital e dos monopólios imperialistas. Nessas condições, prossegue, "não podemos ajudar o governo como antes".

Entrando propriamente, na apreciação do "plano de estabilização", afirmou que se trata de "um plano de despojo das massas trabalhadoras, como nunca se atreveram a levar à prática os governos anteriores".

"Que estabiliza este plano? — pergunta Codovilla, respondendo: "Estabiliza os lucros que obterão a oligarquia latifundiária, o grande capital e os monopólios imperialistas, por um lado; e a exploração e a miséria crescentes dos trabalhadores e do povo, por outro."

Tampouco aceita o Partido Comunista Argentino a enganosa afirmativa do governo de que o plano se apoia na "intensificação de nossa produção de petróleo, carvão, siderurgia e energia". E prossegue: "Em que se apoia o Governo para a realização desse plano básico? Apóia-se exclusivamente na "colaboração" dos trustes imperialistas, especialmente norte-americanos (SOFINA e ANSEC em energia elétrica; Standard Oil e Shell, em petróleo; Westinghouse e ARMCO em siderurgia) que sabotaram em nosso país, como em outras nações latino-americanas, um desenvolvimento industrial em bases de independência e progresso nacional".



CODOVILLA

## ELABORADO NOS ESTADOS UNIDOS

Afirmou Codovilla que o mencionado plano foi inspirado — e pode dizer-se redigido — pelo Fundo Monetário Internacional e "nos coloca na dependência direta dos Estados Unidos em todos os aspectos econômicos e financeiros, com suas consequências políticas e militares, pois não se pode esquecer que os Estados Unidos, buscaram assegurar-se fontes de matérias primas, especialmente material estratégico para a sua economia de guerra."

E no que afeta às consequências desse plano para as massas populares, disse: "Estranho plano é este que faz fincar pé nos sacrifícios que o povo deve realizar, mas que não estabelece sacrifício nenhum para os que têm a responsabilidade de fazê-lo, ou seja, para os ricos."

Trata-se de um plano estranho ao povo, acrescentando que nem sequer o próprio Conselho de Ministros teve conhecimento do mesmo até poucas horas antes de sua publicação.

## PLANO DE DESOCUPAÇÃO E MISÉRIA

Repelindo a afirmação do governo de que os sacrifícios serão transitórios e a eles sobreviverá uma época de bonança, perguntou Codovilla: "Como este plano irá resolver a crise se o mercado interno há de restringir-se e se restringe cada dia mais, como consequência da redução do consumo popular devido aos altos preços? Como resolverá a crise, um plano de economias que lançará à

rua dezenas e centenas de milhares de operários e empregados, reduzindo assim ainda mais o salário familiar, que sacrificará dezenas e centenas de milhares de camponeses, de pequenos industriais e comerciantes, que serão levados à ruína e que irão engrossar as fileiras do proletariado?"

"No que respeita à alta do custo da vida — prossegue Codovilla — chegou a tal ponto que nenhuma estatística pode refletir a realidade, pois os preços aumentam aos saltos de um dia para outro. Por conseguinte, a única estatística que vale é a proporcionada pelas donas de casa, quando voltam das compras. Já não há salários nem vencimentos modestos que dêem para poder adquirir os alimentos e a vestimenta necessária aos familiares."

## MEDIDAS CONTRA A CRISE

Codovilla mostrou, depois, que o imperialismo não pode ajudar o desenvolvimento independente da Argentina. Pelo contrário, "ali onde os imperialistas penetram, deformam a economia nacional e obrigam o país "ajudado" a transformar-se em apêndice agrário ou em abastecedor de matérias primas, de acordo com as necessidades da metrópole." A única possibilidade de desenvolvimento da indústria nacional, continua, reside na realização de uma profunda reforma agrária, que liquide o latifúndio e entregue a terra aos camponeses.

Entrando nas consequências políticas do "plano de austeridade", mostrou que enquanto ele tem o apoio dos representantes da oligarquia e do imperialismo, contra ele se coloca praticamente toda a população, desde o proletariado até aquela parte da burguesia nacional cujos interesses não estão entrelaçados com os dos imperialistas.

Baseando-se em números oficiais, Codovilla demonstrou que a insuficiente produtividade não se deve à população trabalhadora, em geral, como assalham os porta-vozes do governo, mas sim à oligarquia latifundiária, ao grande capital e aos monopólios imperialistas, os quais, portanto, devem arcar com as consequências da crise.

No que respeita à burguesia, à oligarquia latifundiária e aos monopólios imperialistas, nunca foi tão grande a acumulação de capitais. E daí que devem sair os meios necessários para fazer frente à crise e desenvolver de modo independente a economia do país, prossegue, indicando, então, as seguintes medidas: imposto de 30% sobre as grandes rendas, que proporcionaria mais de 15 bilhões de pesos; redução de 30% das despesas militares, o que importaria em mais de 5 bilhões de pesos; nova orientação do comércio exterior, voltando-o para todos os países; que o realizem em condições de igualdade e benefícios mútuos e evitando, assim, a tremenda drenagem imposta pelos países imperialistas; particularmente o comércio com os países socialistas permitiria ao país prover-se dos elementos necessários para desenvolver de modo independente a economia argentina. Outra das medidas propostas é facilitar a repatriação dos capitais argentinos no exterior.

Preconizou, então, Codovil-

la, a volta ao Programa de Avellaneda, que o governo abandonou e onde estão contidas medidas capazes de fazer frente à atual situação do país e encaminhá-lo para um desenvolvimento independente.

Os comunistas argentinos, prossegue Codovilla são contrários aos golpes de Estado, pois estes sempre têm lugar às custas das massas e contra seus interesses. Entretanto, se a despeito de tudo fôr desfechado um golpe de Estado, "nossa palavra-de-ordem deve ser a de lutar pela formação de um governo de ampla coalizão democrática, do qual participem a classe operária e seu partido de vanguarda, o Partido Comunista."

## A POSIÇÃO DE PERON

Passando a analisar a posição de Peron e dos dirigentes peronistas ante a atual situação do país, destacou que a maioria destes tampouco se mostra disposta a participar numa frente de luta junto com os comunistas, sob a afirmação de que os problemas nacionais só serão

"Os comunistas e todos os democratas e patriotas — concluiu Codovilla — formamos parte deste mundo que avança e não há dúvida de que, lutando com firmeza à frente do nosso povo, dissiparemos as nuvens reacionárias que se acumulam sobre o céu político de nosso país e alcançaremos o justo triunfo da nossa causa operária, de nosso povo e de nossa Nação."

## Questão Aberta

JOÃO ANTONIO

O deputado Último de Carvalho, que é um simplório, tomou como exemplo a pessoa do sr. Café Filho, quando resolveu defender na Câmara a emenda constitucional que distribuía aos antigos presidentes da República lugares de senadores vitalícios. Foi o sr. Café Filho apresentado pelo sr. Último de Carvalho como vítima do destino. Disse que era obrigado a servir de testa-de-ferro a uma companhia imobiliária, em troca de trinta mil cruzeiros por mês. Isso a título de elogio.

Agora apareça o sr. Café Filho dando entrevista ao "Correio da Manhã", que não é um jornal de simplórios. Entrevista autobiográfica. De início o sr. Café afirma ter completado quarenta anos de jornalismo, pois em 1919 fundou um jornal em Natal. Em sua conta, o entrevistado incluiu os anos em que sempre se manteve afastado do jornalismo, inclusive a época atual, quando honradamente se faz testa-de-ferro de uma organização de loteamentos.

Depois vem a história das filas que se formavam em volta do "Nero", nas audiências do então vice-presidente. Ora, vice não passa de vice. E reserva de tempo e se limita a ficar na cerca, do lado de fora do grama.

Ele mesmo conta ao jornal do sr. Paulo Bittencourt episódios banais dessas audiências inúteis, genial descoberta de um demagogo barato. Recorda a história da senhora que o procurou, muito aflita, para resolver um caso particular. Café descobriu na bolsa da senhora um vidro de veneno. Tomou-o, mandando-a em paz, sem veneno e sem solução para seu caso. Relatou ainda o episódio escabroso de moça enganada pelo noivo, que ocultava seu segredo dos pais. O vice-presidente da República foi prodígio em conselhos. Na maioria das vezes aconselhava os que o procuravam no sentido de que "não perdessem mais tempo". E as filas se sucederam.

Quanto ao Rio Grande do Norte, Café não foi nada modesto. Apresenta-se nas colunas do "Correio da Manhã" como autêntico sóba. Ouçamo-lo: "Chefe de partido, na hora de organizar a chapa dos candidatos à Assembleia Constituinte de 1934, recusei a indicação de meu nome. Enviei, para o Rio em meu lugar o sr. Kerginaldo Cavalcanti, norte-riograndense que na época estava residindo no Ceará."

E noutro trecho da entrevista: "Depois da Revolução de 1930 fui chefe de polícia de Natal. Meu primeiro ato foi mandar libertar todos os presos políticos, gente da oligarquia que dominava o Rio Grande do Norte."

Pequeno detalhe esquecido pelo generoso ex-chefe de polícia potiguar: nas prisões de onde saíram os oligarcas, o bom Café Filho mandou trancafiar dirigentes sindicais que ajudaram a derrubar os antigos dominadores do Rio Grande do Norte.

A traição a Vargas, seu companheiro de chapa, foi igualmente posta de lado.



# A PROPÓSITO DAS MEDIDAS DE NASSER CONTRA OS COMUNISTAS

# DICIONÁRIO

É duvidoso que haja um só patriota árabe — «do Atlântico ao Golfo Pérsico» — disposto a crer no que disse Nasser dos comunistas sírios, no seu discurso de Port Said, isto é, que eles se haviam pôsto «ao serviço do imperialismo, do sionismo e de todos os inimigos da unidade árabe». É duvidoso, por exemplo, que o creia o coronel Serrach, ex-chefe do serviço de contra-espionagem de Damasco e atual ministro do Interior da província síria da RAU, o qual conhece muito bem os comunistas do seu país, se não por outras coisas, pelo fato de se haverem colocado a seu lado tôdas as vezes que se tratou de defender a independência da Síria contra os complôs organizados em Washington, em Londres, em Ancara e alhures. É duvidoso que acreditem em Nasser os chefes do partido «Baath», sírio, de Hakmet Horani e Salah Bitar, respectivamente vice-presidente e ministro da orientação nacional da RAU, os quais sabem, mesmo se não têm coragem de dizê-lo, que a ação dos comunistas sírios, eles não desempenhariam hoje nenhum papel no novo Estado surgido da fusão entre o Egito e a Síria. É duvidoso que o próprio Nasser que, recebendo não há muito tempo o secretário Geral do Partido Comunista Sírio, Kaled Bagdach, acentuou tudo o que devia unir, e de fato uniu, os comunistas e os nacionalistas árabes na luta contra o imperialismo, pelo desenvolvimento econômico e pela unidade da «Nação Árabe». Enfim, é duvidoso que acreditem nas palavras de Nasser as massas populares de Port Saide, onde certamente se recorda que durante o ataque anglo-francês de outubro de 1956, foram os comunistas os que organizaram, juntamente com os patriotas de tôdas as correntes, a resistência ao invasor.

e culturais resultantes de sua própria formação histórica. Os partidários da primeira tendência impuseram-na, finalmente. Os comunistas sírios, por sua parte, em diferentes oportunidades, deram, então, sua opinião. Sua posição pode ser assim resumida: afirmação da independência da República Árabe Unida, luta contra as manobras e os complôs imperialistas, apoio à idéia da unidade árabe baseada na libertação total dos compromissos com o imperialismo e sobre uma base democrática. Para realizar estes objetivos, o Partido Comunista Sírio não cessou de preconizar uma sólida unidade de tôdas as forças populares e patrióticas da República Árabe Unida.

Os comunistas iraquianos foram os primeiros a denunciarem abertamente o gesto de

per, deste modo, a frente que se criou no fogo da luta pela independência. E que esta união de forças políticas e sociais de tôdas as tendências é possível e indispensável depois da libertação nacional, al está o exemplo da Indonésia, onde os comunistas lutam ao lado de outras forças nacionais para solucionar os problemas colocados pela edificação econômica do país e em defesa da independência nacional, sempre ameaçada pelos colonialistas.

A atitude de Nasser significará que ele mudou de política? É ainda muito cedo para levar a discussão para este terreno. Por ora, Nasser assumiu a responsabilidade de haver introduzido no mundo árabe o germe de uma divisão que pode prejudicar a causa da sua independência e da sua unidade, talvez mais que a divisão fomentada pelas ações do imperialismo. E isto pode revelar-se demasiado pesado, antes de tudo para ele, que fez da independência e da unidade da «Na-

(CONCLUI NA 11ª PAG.)

**CONSCIÊNCIA SOCIAL** — A consciência em geral é um produto da natureza, a qualidade que tem a matéria orgânica superior — o cérebro humano — de refletir a realidade. A consciência social dos homens é o produto e o reflexo das condições de vida material da sociedade, do ser social. A vida material da sociedade é uma realidade objetiva, que existe independentemente da consciência dos homens, enquanto que a vida espiritual da sociedade — as concepções, idéias, teorias, etc. — são um elemento derivado, o reflexo da realidade objetiva, do ser social. Assim, segundo seja o ser social dos homens, sua vida material, assim será sua consciência social. Somente este modo materialista de abordar o problema permite compreender porque em diferentes sociedades, ou em diferentes fases do desenvolvimento histórico, existem idéias e concepções sociais distintas, e porque essas concepções e idéias mudam ao se transformarem as condições de vida dos homens.

A dependência da consciência relativamente às condições de vida material da sociedade aparece de modo claro e evidente nas fases mais remotas do desenvolvimento social. Não há, então, separação entre o trabalho físico e o intelectual, de sorte que as atividades espirituais do homem surgem diretamente entrelaçadas com a vida material: as crenças religiosas aparecem abertamente como um reflexo da impotência dos homens ante as forças da natureza; a propriedade social sobre os meios de produção corresponde a ausência de conceitos como «meu» e «seu». Com o transcurso do tempo, e especialmente ao aparecer a divisão social do trabalho, ao surgirem as classes e a sociedade de classes, ao separar-se o trabalho intelectual do trabalho físico, foi-se tornando mais complexa toda a vida social dos homens, inclusive sua vida espiritual. Surgiram o Estado e o direito. Surgiram e se desenvolveram novas formas de consciência social. Tornou-se assim mais complexo o próprio processo do reflexo das condições da vida material na cabeça dos homens. Hoje, é às vezes difícil surpreender os nexos que ligam certos fenômenos da consciência com a vida material da sociedade. E disso se aproveitam os idealistas para, tergiversando a realidade, afirmar que a fonte de onde se originam as idéias, teorias e concepções é a consciência, o cérebro dos homens sem qualquer ligação ou dependência com a vida material da sociedade. A crítica do ponto-de-vista idealista será feita na próxima edição.

Então, por que Nasser o disse, mesmo sabendo que ninguém lhe acreditaria? Por que decidiu correr o risco de aparecer aos olhos dos árabes como um político não diferente de tantos outros que passaram pela história do seu país? Não é possível responder a esta pergunta se não se compreende perfeitamente o que representava para o mundo árabe a vitória do movimento revolucionário de 14 de julho no Iraque. Diferentemente do Egito, no Iraque o exército venceu graças à ativa, e em alguns momentos decisiva, colaboração com os partidos políticos que organizavam e organizam a parte mais ativa da população. Entre estes partidos, entre os mais fortes e influentes, está o Partido Comunista. E, assim, ninguém ignora em Bagdad que foram os comunistas, juntamente com os membros do partido nacional-democrático de Mohamed Kamal El Gaderi, os que asseguraram a vitória do movimento revolucionário nas jornadas que se seguiram imediatamente ao 14 de julho. Nasser estava na União Soviética naqueles dias e todos sabem porque. Partindo precipitadamente para Damasco, instigou um dos chefes do movimento revolucionário, o coronel Salam Arif, a tudo fazer para que o Iraque aderisse imediatamente à República Árabe Unida à base da Constituição adotada no momento da fusão entre a Síria e o Egito. Naquele momento decisivo, Nasser não compreendeu que a vitória do movimento revolucionário no Iraque havia criado as condições objetivas para que a unificação da «Nação Árabe» fosse feita através de um processo diferente, mais avançado em relação àquele seguido pelo Egito e pela Síria: através de uma ampla confidência das forças organizadas, exprimindo diferentes grupos sociais e que, entretanto, encontram um sólido ponto de entrelaçamento nas aspirações comuns à libertação, ao desenvolvimento econômico e à unificação da «Nação Árabe». Em outros termos, ele não compreendeu que era chegado o momento quando o movimento de unificação

da «Nação Árabe» não podia avançar se não simultaneamente com o desenvolvimento no sentido democrático e socialista dos países que dela fazem parte historicamente e que o único meio para conservar com o Cairo a liderança do movimento era o de permanecer a coesão, inclusive nas novas conjunções.

Uma declaração de 9 de janeiro último, o Partido Comunista Arabe vem de dar uma opinião esclarecedora: «As medidas repressivas da República Árabe Unida contra os partidos irmãos da Síria e do Egito foram tomadas em nome da unidade do mundo árabe. Ora, todos os comunistas árabes são os partidários mais calorosos desta unidade com um conteúdo popular e antimperialista e trabalham por sua realização em um caminho democrático. Em numerosos países árabes e notadamente no Iraque, a opinião pública, organizações e organizações nacionalistas acreditam, como os comunistas, que a marcha para a unidade mais sólida passa pelo livre consentimento dos povos interessados, o respeito a personalidade e aos interesses legítimos de cada nação árabe e a defesa das liberdades democráticas. Assim, a atitude do presidente Nasser se pode entoaquecer a autonomia e o prestígio da República Árabe Unida e retardar a unidade dos povos árabes.»

O problema da unificação dos estados comporia a seguinte inagação: como, sobre que base educar um estado unido?

Uns — entre os quais Nasser — consideram que é necessário realizar o golpe uma fusão completa dos estados egípcio e sírio, apunçando a parte síria do novo Estado os usos em vigor na parte egípcia em matéria política e econômica.

Os partidários da segunda tendência, que compreende os comunistas e eminentes personalidades democráticas sírias, são pela fusão gradual. Pronunciam-se pelo estabelecimento imediato de uma união federal respeitando em cada parte do estado unificado as liberdades democráticas, assim como as particularidades econômicas



Nasser em relação ao Iraque, de resto aprofundando as reservas manifestadas pelos comunistas sírios em face da improvisada decisão de realizar a fusão entre o Egito e a Síria. Fizeram-no de modo firme, ainda que amistoso para com os dirigentes do Cairo e, em particular, para com o presidente Nasser, ao qual tiveram oportunidade de exprimir seu modo de ver e também de apresentar-lhe, de acordo com outros partidos da Frente Nacional, a proposta para uma união federal entre o Iraque e a República Árabe Unida, fundada na mais ampla autonomia e pleno respeito às particularidades dos dois países. Os comunistas sírios não ocultaram que partilhavam a posição dos comunistas iraquianos e outro tanto fizeram os comunistas de todos os outros países árabes. Nasser reagiu da pior maneira. Convidado, como parece, que a unificação da «Nação Árabe» deve ser obra exclusivamente do grupo dirigente e da burguesia egípcia o que, seja que claramente, encontra a hostilidade de todos os movimentos nacionalistas árabes, com exceção do partido «Baath», rejeitou as propostas dos comunistas, apoiando-se mais que nunca sobre a atividade do coronel Aref e de seus amigos. E hoje, em face da taência da tentativa de levar Bagdad à união total com o Cairo, ataca os comunistas do modo grosseiro que todos conhecemos. Fala dos comunistas sírios, mas é evidente que tem em vista, antes de tudo, os comunistas iraquianos e, depois, todos os demais comunistas, ameaçando rom-

## VINDOS DOS PARTIDOS COMUNISTAS NOVA ONDA DE REPRESSÕES NA ESPANHA

Madrid, dezembro de 1958 — Até quando o povo da Espanha sofrerá os horrores do fascismo? Esta pergunta, agora num tom desesperado, é feita por milhares de espanhóis, no momento em que Franco desencadeia outra terrível onda de repressão, no afã de manter-se no poder a qualquer preço. Aos vinte anos de existência, a ditadura franquista vê-se mais e mais reduzida a um punhado de algozes. Do franquismo separam-se forças cuja presença pesou decisivamente na balança da guerra civil ou dos anos que se lhe sucederam. Comprovaram, na própria carne, o que representa o fascismo de Franco, conheceram a asfixia e a ruína econômica. O desencanto aparece desde entre os monarquistas até a Igreja, desde numerosos capitalistas até aqueles operários que acreditaram de boa fé em que não haveria «nenhum lar sem luz, nenhum espanhol sem paz.»

A este isolamento a que se vê condenado, o franquismo só tem uma resposta: aumentar a repressão, empregar formas tão duras como as impostas no fim da guerra civil. As penas de morte pairam sobre as cabeças dos patriotas, muitos dos quais — como recentemente ocorreu em Granada, com Ricardo Benyto — são fuzilados. Conselhos de guerra sumaríssimos julgam os patriotas. As provas da acusação? Não são outras senão as confissões extorquidas pela polícia sob as piores torturas.

Nada disto, porém, conseguirá impedir o processo em curso na Espanha, de fortalecimento do campo antifranquista e isolamento da camarilha governante. O máximo que Franco poderá conseguir é adiar por algum tempo a sua queda, mas também com isso poderá torná-la mais ruidosa.

### XIII Congresso do PC Mexicano

Ao XIII Congresso do Partido Comunista Mexicano, recentemente reunido, o Comitê Central do Partido Comunista Ch'nês enviou uma mensagem na qual, depois de prestar homenagem à luta do Partido Comunista Mexicano em defesa da independência do México, das liberdades democráticas e de uma vida melhor para o povo, lê-se: «O atual desenvolvimento da situação internacional é inteiramente favorável aos povos do mundo, que lutam pela paz, a democracia, a independência nacional e o progresso social e desfavorável para o bloco imperialista. Os imperialistas estão irremediavelmente condenados, mas sua luta de morte se tornará ainda mais frenética. Os imperialistas dos Estados Unidos estão levando a cabo ameaças a China e o Oriente Médio e, ao mesmo tempo, intensificando sua interferência política e a pilhagem econômica no México e outros países, da América Latina, pondo em sério risco a paz mundial e a segurança dos povos de vários países. Eis por que os povos do mundo inteiro devem manter uma elevada vigilância contra as ameaças de guerra dos imperialistas. Acreditamos que a realização do XIII Congresso neste momento é uma importante contribuição ao fortalecimento da luta comum dos povos do mundo inteiro contra o imperialismo dos Estados Unidos».

### RESSURGE UM CAERNICEIRO

Há poucos meses, foi publicado um decreto facultando ao coronel Enrique Eymar, Fernández intruir todos os processos sumaríssimos por atividades políticas, em qualquer ponto da Espanha. O coronel Eymar é o homem de confiança de Franco para as atividades repressivas, por cujas mãos já passaram mais de 50 (cincoenta) mil espanhóis fuzilados. E' um verdadeiro monstro, cuja maior paixão é matar. Sua ferocidade, melhor do que sua crueldade, vem de longe, dos tempos em que, cap. na África, tornou-se famoso pela sua amoralidade.

de. Em torno dele, os seus camaradas oficiais faziam um vazio, tal a sua falta de caráter. Dêsse verdugo conta-se também que a filha suicidou-se acabrunhada por ter como pai indivíduo capaz de cometer crimes tão bestiais. Este monstro voltou à condição de braço direito de Franco.

Assim, para se manter no poder Franco passa por cima de suas próprias leis, já que o Código Penal de 1944 estabelece que todos os acusados de atividades políticas devem ser julgados por tribunais ordinários e não por tribunais militares.





# TRABALHADORES TOMAM A OFENSIVA: LUTA PELO AUMENTO DE SALÁRIOS

- ★ Em ação os metalúrgicos e ferroviários do Estado de São Paulo
- ★ Mais de cem mil trabalhadores do Distrito Federal pleiteiam reajustamento salarial
- ★ Comerciantes querem 30% de abono
- ★ 70 mil funcionários da PDF aguardam aumento e abono

Ainda não encerrada a batalha pelos novos níveis de salário mínimo, os trabalhadores encetam a luta por nova elevação de salários. Dessa forma os trabalhadores reagem à política econômico-financeira do governo, responsável pela queda incessante do poder aquisitivo do salário.

Durante o ano de 1958, enquanto os patrões tergiversavam para protelar a aprovação dos novos mínimos, em todo o país as corporações de trabalhadores lutaram separadamente pela melhoria salarial entre 18 a 40%. Mas a remuneração dos trabalhadores qualificados é tão baixa que a maior parte dos salários assim aumentados ficou aquém dos novos níveis mínimos aprovados. Isso já era previsto, mas, ao que nos consta, somente os trabalhadores da fábrica de cimento Perus, em São Paulo, tiveram a clarividência de exigir da empresa, quando concluído o acordo que pôs termo à greve, o compromisso firmado de manter as diferenças salariais, uma vez aprovado o novo salário mínimo.

Além desse absurdo nivelamento verificado no salário de trabalhadores qualificados e não qualificados, a elevação de preços, que prosseguiu durante todo o ano de 1958, acelerou-se a partir de 1º de janeiro do corrente ano e já anulou praticamente as vantagens decorrentes dos novos salários. A situação das massas trabalhadoras, sob certos aspectos, pode ser considerada pior do que no início de 1958, quando, considerando superados os níveis salariais então vigentes, a I Conferência Nacional Sindical decidiu iniciar a luta pela revisão, em caráter excepcional do salário mínimo.

**REAGEM OS TRABALHADORES**  
Contra essa situação reagem particularmente os

meios operários do Estado de São Paulo e do Distrito Federal.

Em São Paulo, orientados pelo Pacto de Unidade Intersindical, os sindicatos da capital e do interior adotam medidas para denunciar os acordos salariais vigentes, cuja maioria expira nos meses de outubro, novembro e dezembro.

Os sindicatos de metalúrgicos do interior do Estado, filiados à respectiva Federação, estão realizando assembleias para decidir qual a atitude a tomar ante a intransigência dos empregadores. Os trabalhadores lutam por 35% de aumento sobre a data base e cujo resultado deverá ser acrescido ao novo salário mínimo. Reunidos em assembleia, os metalúrgicos de

Santos, Guarujá e Cubatão deliberaram entrar em greve no próximo dia 15, caso até lá os patrões não entrem em acordo com o Sindicato e a Federação quanto ao aumento pleiteado. Idêntica medida deverá ser tomada pelos trabalhadores dessa categoria em Limeira.

Os ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana também entraram em contato com a diretoria da empresa pleiteando reajustamento de vencimentos em vista do desajustamento provocado pela decretação do novo salário mínimo. A diretoria da Estrada informou que esse reajustamento já será pago em fevereiro. Porém, após esse pagamento os trabalhadores se reunirão para julgar se a quantia paga será ou não aceitável.

## NO DISTRITO FEDERAL

No Distrito Federal muitos milhares de trabalhadores já estão em luta visando restabelecer o equilíbrio dos salários, não só em relação ao nivelamento desestimulante verificado com a elevação do salário mínimo, mas principalmente ante os preços que não param de subir.

Assim pleiteiam reajustamento salarial os trabalhadores em construção civil, cerca de 40 mil, hoteleiros, metalúrgicos, marceneiros, curtiários, estivadores, trabalhadores nas indústrias químicas, alfaiates e costureiras, aeronautas, trabalhadores em pedreiras, etc, atingindo a mais de cem mil operários.

Além dessas categorias profissionais, também se movimentam os comerciantes, através da Federação dos Empregados no Comércio, que representa cerca de 250 mil filiados do Distrito Federal, Estado do Rio e Espírito Santo. Essa entidade dirigiu-se ao Sindicato dos Logistas pleiteando um abono imediato de 30% para os comerciantes que, ganhando acima de 6 mil cruzeiros, não foram beneficiados pela nova tabela de salário mínimo. Calcula-se que somente no Distrito Federal haja aproximadamente cem mil trabalhadores nessas condições. No documento enviado à entidade patronal a Federação dos Empregados alega que o custo da vida não está sendo contido e que houve injustiça no reajustamento do salário mínimo, que não previu benefício algum para os que percebem acima dos novos níveis.

Segundo a palavra do presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica, recentemente reeleito, essa categoria de trabalhadores dentro de algumas semanas também entrará em luta por aumento de salário, sendo provavelmente de 30% o «quantum» a ser pleiteado.

## 70 MIL FUNCIONÁRIOS AINDA AGUARDAM O AONO

Por outro lado, enquanto a grande maioria das categorias profissionais já se encontra numa fase mais avançada da luta para restabelecer o equilíbrio entre salários e preços, cerca de 70 mil funcionários da Prefeitura do Distrito Federal ainda aguardam o abono de 30%, que até o momento não lhe

foi concedido, nem sequer de palavra. Esses servidores públicos não podiam reivindicar antes a melhoria, porque em virtude da lei, estavam impedidos de obtê-la antes que fosse concedida aos funcionários federais. No entanto, aprovada a medida para estes últimos, nem o prefeito nem a Câmara de Vereadores estão providenciando o atendimento dos interesses dos «barnabês» municipais, que se encontram, assim, em situação de inferioridade.

Diante disso, as três maiores entidades, das 27 que congregam o funcionalismo municipal do Distrito Federal, isto é, o Centro Pereira Passos, a União dos Operários Municipais e o Clube Municipal, realizam verdadeira campanha de mobilização dos servidores, visando a convocação de sessão extraordinária da Câmara dos Vereadores para a aprovação do projeto (já elaborado) concedendo abono de emergência ao funcionalismo da PDF a partir de janeiro.

# J. K. FOGA A DISCUSSÃO COM OS TRABALHADORES

LUIZ GHILDARDINI

O documento lido pelo presidente da C.N.T.I., em nome dos trabalhadores no almoço que o sr. Juscelino Kubitschek ofereceu aos líderes sindicais por ocasião da passagem do 3º aniversário do seu governo, contém uma série de reivindicações que já lhe tinham sido antes repetidamente apresentadas sem que as tomasse em consideração, apesar das promessas em contrário. Contém também algumas observações de sentido crítico que o Presidente deve ter compreendido perfeitamente.

Inicialmente, foi feita referência, no discurso, a um documento contendo dez pontos fundamentais, abrangendo aspectos políticos, econômicos e sociais, entregue pelos líderes dos trabalhadores ao Presidente em 31-1-57. Nesse documento os trabalhadores expunham as bases em que estavam dispostos a colaborar com o governo, e o sr. Kubitschek afirmou, então, que buscariam um contato permanente com eles, a fim de discutir os problemas considerados de interesse.

Ou o sr. Kubitschek considera que esse «contato permanente» se faz de ano em ano, no aniversário de seu governo, ou esqueceu completamente o que disse, porque desde então a situação do povo e dos trabalhadores agravou-se tremendamente, verificaram-se explosões da indignação popular como em outubro do ano passado em São Paulo, e a seguir em Florianópolis, Itajaí e Fortaleza. Recentemente, tais acontecimentos voltaram a repetir-se em Uberlândia e Pindamonhangaba. Durante todo esse tempo os trabalhadores procuraram entrar em contato com o governo, mas o sr. Kubitschek não facilitou a realização desses encontros. Pelo contrário, ao encontro marcado, no Teatro João Caetano, no fim de 1958, não compareceu.

O documento lido concretiza a sua crítica mais adiante, quando diz: «Compreendemos as conversações e diálogos que Vossa Excelência mantém com os empregadores e suas organizações. E o Brasil precisa também que entre os trabalhadores e Vossa Excelência idênticos diálogos e conversações se realizem repetidamente». Compreende-se porque o Presidente tem fugido às conversações e diálogos com os trabalhadores, enquanto que os mantém assiduamente com os empregadores e suas organizações. O próprio documento lido aborda as razões dessa fuga. Ao falar da agraviação da situação econômica que sufoca o povo brasileiro, por exemplo, diz: «Diariamente um órgão do governo — a COFAP — vem contrariando os propósitos de Vossa Excelência de, atendendo aos nossos anseios e reclamos, congelar os preços dos gêneros

imprescindíveis à subsistência da população. Depois de decretados os novos níveis de salário mínimo, em 24 de dezembro do ano passado, tudo tem encarecido de tal forma, que os aumentos de salários estão sendo consumidos na voragem da majoração ilimitada dos preços dos artigos de consumo obrigatório».

Embora o documento lido pelo presidente da CNTI separe a pessoa do Presidente da responsabilidade pela direção da COFAP, dando a entender que existem contradições entre o Catete e a COFAP, o fato é que JK é o responsável pelo fato do congelamento de preços não ter sido estendido às fontes de produção e ao comércio atacadista e por não terem ainda sido incluídos representantes dos consumidores nos órgãos controladores de preços — reivindicações insistentemente apresentadas pelos trabalhadores. Para o senhor Kubitschek seria sumamente difícil manter «diálogos e conversações» com os trabalhadores e continuar negando tão elementares e justas reivindicações.

Outro tanto pode-se dizer a respeito de outras questões, como a da conquista de novos mercados, através da abertura dos novos portos a todos os países do mundo. Quais foram os «obstáculos» que se criaram para que essa sábia política fosse praticada, impedindo que a nossa pátria estabelecesse relações amplas com todos os povos?, como diz o documento? Os interesses nacionais reclamam essa política. Só os monopólios americanos e seus agentes entreaguistas estão interessados em impedir que se realize essa medida.

Outros problemas também levantados no discurso dos líderes sindicais, como a remessa de lucros para o exterior por parte das empresas estrangeiras, a reforma agrária, a questão do Nordeste, o caso da previdência social, que está às portas da falência, enquanto a União lhe deve mais de 40 bilhões e os empregadores não recolhem as contribuições, são outras tantas coisas que o Presidente não poderia continuar sem resolver se mantivesse com os trabalhadores o contacto que se propunha.

Os dirigentes sindicais levaram ao Presidente os seus aplausos por certos aspectos do governo e as críticas pelo muito que prometeu e não cumpriu. Fizera-no, como é natural, com a polidez de quem participa de um almoço comemorativo. O sr. Kubitschek, porém, certamente já percebeu, pois os acontecimentos o vêm indicando, que o único dos trabalhadores e do povo brasileiro a esta altura já não é exatamente o de quem participa de um banquete.

# CONTRA O TERROR DO GOVERNO FRONDIZI

Apelo da União Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores em Transportes, Portuários e Pescadores em favor da solidariedade aos ferroviários argentinos

A União Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores em Transportes, Portuários e Pescadores (Departamento Profissional da FSM) está se dirigindo aos trabalhadores de todo o mundo para que se manifestem em solidariedade aos ferroviários argentinos, submetidos a um regime de terror pelo governo Arturo Frondizi.

Em resposta à decisão de greve geral adotada pela União Ferroviária, em 28 de novembro do ano passado, diz aquela organização em seu apelo, o governo argentino decretou a mobilização militar dos ferroviários, ressaltou e apoderou-se, com as forças do exército, das sedes sindicais, proibindo o funcionamento das organizações operárias. Ao mesmo tempo constituiu 7 tribunais militares especiais para aplicar aos ferroviários o Código de Justiça Militar. Desde então os Conselhos de Guerra julgaram e condenaram dezenas de trabalhadores a penas que variam de 1 mês a 2 anos de prisão. Cita-se, entre outros, o caso de Francisco Matronano Bartley, condenado a 1 ano de prisão por «não comparecimento ao trabalho e di-

fundir resoluções de caráter sindical». Por outro lado, milhares de ferroviários têm sido processados sem possibilidade de defesa e muitos outros encontram-se foragidos, ante a ameaça de penas que podem atingir a 3 anos de prisão.

O mencionado departamento da F.S.M. difunde o apelo da União dos Ferroviários Argentinos a todos os trabalhadores do mundo para que lhe enviem a sua solidariedade na luta para conseguir a desmobilização militar dos ferroviários, a liberdade para os presos, cessação das perseguições e devolução das sedes aos Sindicatos.

A solidariedade pode ser feita em forma de telegramas ou cartas de protesto dirigidas ao sr. Arturo Frondizi — presidente da República Argentina — Palácio Presidencial — Buenos Aires.

As mensagens de apoio e simpatia devem ser enviadas à União dos Ferroviários — Independência, 2.880 — Buenos Aires — Argentina, e à Fraternidade Ferroviária, Irigoyen, 1938 — Buenos Aires.

## IMPORTANTE PASSO PARA A UNIDADE DOS FERROVIÁRIOS

Eleita a nova diretoria da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários

Recentemente, realizaram-se eleições para a direção da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, entidade que congrega sete Sindicatos de todo o país. O pleito assinalou uma grande vitória do espírito de unidade que anima esses trabalhadores, pois a ele concorreu e foi eleita uma chapa única, na qual estão representados todos os Sindicatos filiados à Federação. A atividade dos mais destacados líderes ferroviários, organizando uma chapa com uma distribuição equitativa de cargos, entregando os de natureza executiva aqueles que, além da capacidade para desempenhá-los, tivessem ao mesmo tempo a possibilidade de estar permanentemente à frente da organização, superou as tendências divisionistas inicialmente difundidas e facilitou a solução da chapa única.

No entanto, todos os sindicatos tiveram sua participação garantida na chapa, seja em postos de direção, seja na composição do Conselho Fiscal, Conselho da Confederação e respectivas assembleias.

Foi a seguinte a Diretoria eleita: presidente, Rafael Martinelli, da Estrada de Ferro Santos-Jundiá; secretário, Geraldo da Costa Matos, da Leopoldina; tesoureiro, Al-

cyr Pignatti, da Cia. Mogiana. O Conselho Fiscal foi composto com representantes dos trabalhadores da Nordeste, Cia. Paulista e da Ilhéus (Bahia), e o Conselho de Confederação, com representantes de trabalhadores da Santos-Jundiá, Leopoldina, Nordeste e Ilhéus.

Os eleitos tomaram posse no dia 16 de janeiro, na sede da Federação, à rua do Carmo, 6, 3º andar — no Rio de Janeiro, com a presença de representantes dos Ministros do Trabalho, da Guerra, da Viação, vice-presidente da República e outras autoridades.

No seu plano de atividade a nova diretoria da Federação inclui entre outras coisas, a vigência quanto ao cumprimento do decreto do salário mínimo e pelo respeito, por parte da Rede Ferroviária Federal, aos direitos adquiridos pelos trabalhadores das ferrovias e ela incorporadas, para o que se propõe a trabalhar de comum acordo, com a União dos Ferroviários do Brasil. Propõe-se ainda organizar a batalha pela sindicalização de todos os ferroviários e pela criação de associações profissionais, visando a sua posterior transformação em Sindicato, nas ferrovias que ainda não os possuem.



# AVOLUMA-SE O MOVIMENTO PELA DEMISSÃO DE ROBERTO CAMPOS

★ Chega a uma fase decisiva a questão do petróleo boliviano

★ Um relatório desigual da Comissão Parlamentar de Inquérito

★ O afastamento de Roberto Campos e Lucas Lopes será uma importante vitória do movimento nacionalista

Com o pronunciamento do Clube Militar, a publicação do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito e o desenvolvimento da campanha popular pela demissão de Roberto Campos, a questão do petróleo boliviano atingiu uma fase decisiva. O governo do Sr. Kubitschek, cuja cúpula até agora evitou tomar uma posição pública sobre o caso, foi colocado sob a pressão conjunta de setores vitais da opinião pública nacional, e deverá manifestar-se. Se ele insiste no cumprimento do Acórdio de Roboré, deverá estar disposto a enfrentar a crescente hostilidade das forças armadas e das correntes nacionalistas do país, que já compreenderam o caráter de conspiração que o Acórdio representa contra a Petrobrás. Se resiste à demissão de Roberto Campos, terá então de enfrentar não apenas a oposição militar e nacionalista, mas também a do Congresso, cuja CPI denunciou oficialmente o entreguismo instalado na direção do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico.

## UM RELATÓRIO DESIGUAL

A pressão sobre o governo cresce ainda pela certeza de que o novo Congresso, a ser instalado definitivamente em 15 de março, nomeará uma segunda Comissão de Inquérito para discutir especificamente o Acórdio de Roboré, caso não ocorra antes a denúncia do Acórdio. Essa foi a promessa deixada publicamente pelo Deputado União Machado, e por deputados da Frente Parlamentar Nacionalista, ao se encerrarem os trabalhos da CPI. Esta Comissão — alegaram os deputados — não dispunha de tempo para estender suas atividades da discussão dos «critérios internos» do BNDE, à discussão do próprio Acórdio de Roboré, e por isso estava forçada a omitir-se da análise do Acórdio, deixando esta tarefa ao novo Congresso.

Essa ausência de tempo poderia explicar o caráter limitado e contraditório do relatório da CPI, que se transformou num documento de apoio às teses defendidas pelo Coronel Alexínio Bittencourt, quando o país já estava suficientemente alertado sobre o papel inegavelmente entreguista dessas teses. Mas é fato que o assunto está longe de ser esgotado, no relatório da Comissão presidida pelo Deputado Oliveira Brito, e que a segunda CPI, a ser nomeada — se sua composição for menos heterogênea e menos aberta a portas-vozes do entreguismo, como Carlos Lacerda e Colombo de Sousa — poderá ainda contribuir muito para o esclarecimento da nação sobre a ameaça encerrada no Acórdio de Roboré à política do monopólio estatal do petróleo.

Com efeito, embora a extinta Comissão de Inquérito tenha afirmado em seu relatório que os recursos da Petrobrás não devam ser desviados para a Bolívia, como queria o grupo Alexínio-Lacerda, ela insiste na necessidade de cumprir-se o Acórdio de Roboré ignorando assim que o Acórdio não pode ser executado sem implicar na canalização de grande soma dos recursos da Petrobrás.

«A política do monopólio estatal para a exploração do petróleo no Brasil, estabelecida pela lei n. 2.004, de 3 de outubro de 1953, merece integral apoio, e os recursos financeiros da Petrobrás não

devem ser reduzidos, mas antes se possível ampliados» diz o relatório da Comissão. Alguns «itens» abaixo, entretanto, o relatório afirma «que o Brasil deve dar cumprimento ao Acórdio de Roboré, sem prejuízo do eventual aperfeiçoamento de algumas de suas disposições, mediante ulterior negociações com o governo boliviano», e que «impõe-se a ida (à Bolívia, para dar cumprimento ao Acórdio) de empresas privadas, de capitais brasileiros habilitadas com recursos técnicos e financeiros. «O relatório precisa ainda que deve ser concedida ajuda oficial a essas empresas, por meio de: a) empréstimo convencional, com garantia bancária; e b) concessão de câmbio com privilégio de custo».

Mesmo admitindo-se que o governo possa conceder dólares, a baixo câmbio, para as empresas que se propõem ir à Bolívia, sem lançar mão das divisas a que tem direito a Petrobrás — o que já é ovidoso, dada a precária conjuntura cambial do país — vê-se que a Comissão não diz palavra sobre as obras gigantescas que a Petrobrás será obrigada a construir, além da obrigação que lhe cabe de limitar sua produção de petróleo a um máximo de dois terços do consumo nacional, pois o terço restante ela deverá comprar aos trustes instalados na Bolívia, pagando-o em dólares.

Além dessas deficiências, o relatório da CPI reconhece ainda serem admissíveis o recurso ao câmbio livre e operações «swap» (a despeito de alguns inconvenientes desta última), desde que o governo assegure a utilização da moeda assim obtida dentro das finalidades previstas nos incisos anteriores.» Dessa forma fica livre de qualquer censura a empresa Capuava, notoriamente subsidiária da Gulf Petroleum, que foi aprovada pelo BNDE e se propõe a explorar o petróleo boliviano com os dólares de Rockefeller, obtidos através de um «swap» com a Anderson-Clayton. Não se vê bem onde está a coerência da CPI que exige a presença na «Área B» boliviana de empresas com capital exclusivamente brasileiros, mas admite com essa denominação o capital da Standard Oil.

**CONDENAÇÃO DO ENTREGUISMO**  
Não resta dúvida, entretan-

to, de que o parecer da CPI ocupará um lugar de relevo no movimento nacionalista brasileiro, por ser um documento de denúncia pública e oficial da política entreguista que domina os órgãos econômicos do governo Kubitschek. A Comissão condena a seleção de firmas para a exploração do petróleo boliviano, feita pelo BNDE, e fulmina toda a ação do «fanático entreguista» Roberto Campos, a frente do Banco. No parágrafo 4 de suas Conclusões, a Comissão declara que «Considera ademais que o critério do BNDE ao admitir o financiamento estrangeiro com participação nos resultados da exploração petrolífera é contrário ao interesse do país e prejudicial à economia nacional, além de ferir no seu espírito o Acórdio de Roboré.»

O governo está portanto pressionado, por todos os partidos políticos representados na CPI, no sentido de desautorizar a «concorrência» levada a efeito pelo BNDE. Em círculos chegados ao Cate já se fala mesmo da próxima nomeação de uma «Comissão de alto nível», semelhante à que examinou as acusações do Cel. Bittencourt à Petrobrás, para colocar em termos novos a participação de firmas brasileiras na exploração do petróleo boliviano. Se, durante o recesso parlamentar, a campanha popular pela demissão de Roberto Campos permanece vigorosa, dificilmente esse chefe-de-fila do entreguismo resistirá no posto em que se instalou.

Viu-se fracassar, na semana passada, uma tentativa sua, através de seus funcionários no BNDE, no sentido de organizar um «almoço de solidariedade», em que membros do governo, economistas e industriais deveriam manifestar apoio à sua posição. Chegou a fixar a data, 3 de fevereiro, e o local esteve reservado, no Copacabana Palace Hotel. Nas véspe-



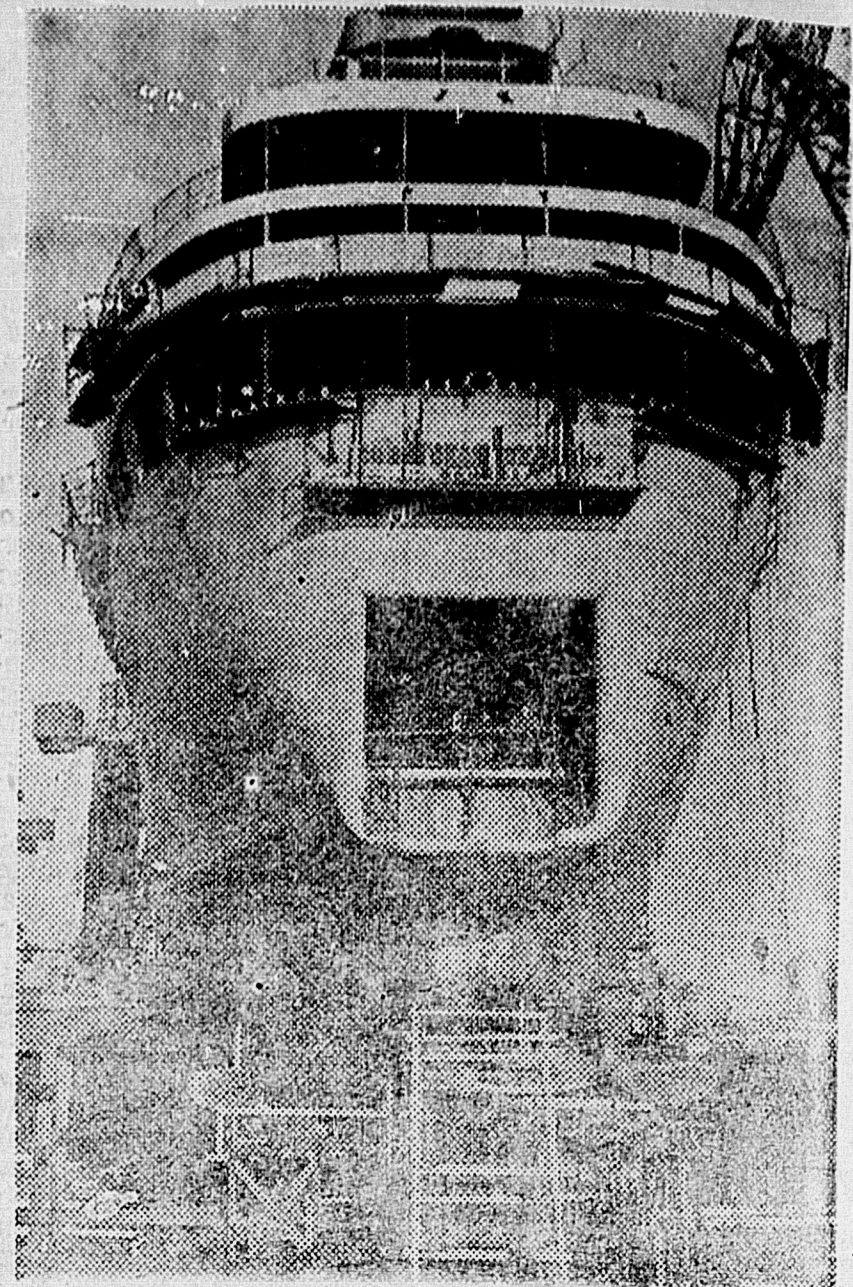
AMIZADE SOVIÉTICO-LATINO-AMERICANA — Foto da solenidade realizada na Casa dos Jornalistas, em Moscou, onde se resolveu a fundação da Associação Soviética de Amizade e relações culturais com a América Latina. Na tribuna, o Ministro Extraordinário e plenipotenciário do Uruguai na URSS, sr. Juan Lorenzi.

ras do «acontecimento», entretanto, renunciou à autopromoção, pois, conforme foi noticiado inclusive pelo «Jornal do Brasil», apesar de todo o esforço de arregimentação dispendido, não foram encontradas mais de vinte pessoas dispostas a manifestar-se publicamente ao lado do entreguista sem máscara que é Roberto Campos.

## UMA POLÍTICA GLOBAL

Tudo indica, entretanto, que o movimento popular exigindo a demissão de Roberto Campos irá em crescendo, durante os próximos dias. Iniciado pelos estudantes, o movimento já conseguiu polarizar a atenção do país, tornando a «grande imprensa» entreguista a abrir manchetes sobre os seus êxitos. Depois do comício em frente ao BNDE, dissolvido a granadagem pela polícia, os estudantes

(CONCLUI NA 1ª PAG.)



## Gigantesco Baleeiro Soviético

Chegam ao fim os trabalhos de construção do novo navio baleeiro «Sovietskaia Ukraina», nos estaleiros de Nosenko, em Nicolaievo, Ucrânia. O deslocamento de água do novo barco, que é uma vez e meia maior do que o atual capitânea da Flotilha Soviética de Baleeiros, o «Slava», será de 30 mil toneladas. O novo barco, que possui doze andares, é equipado com dois motores principais, com uma potência de 15 mil HP. O navio abastecerá os demais barcos da flotilha com combustível, água, produtos e equipamentos e conduzirá a bordo os corpos das baleias pescadas pela flotilha.

## EM MOSCOU:

# ASSOCIAÇÃO DE RELACIONES URSS-AMÉRICA LATINA

Em 22 de janeiro, na Casa dos Jornalistas, em Moscou, foi fundada, por iniciativa de um grupo de personalidades da vida cultural e artística da URSS, assim como representantes de operários e camponeses, uma Associação Soviética de Amizade e Colaboração Cultural com os países da América Latina.

A assembléia foi aberta com um breve discurso do vice-presidente da União de Sociedades Soviéticas de Amizade e relações culturais com os países estrangeiros, Górchkov.

A seguir, fez uma palestra sobre a importância da iniciativa o conhecido compositor soviético Aran Khatchaturian, que recentemente visitou em tornê artística o Brasil, Argentina e Uruguai.

Dirigiu uma saudação aos presentes o embaixador da Argentina na URSS, Enrico Rivarol, regosijando-se pela

iniciativa, em nome do povo argentino.

No mesmo sentido se pronunciou o Ministro plenipotenciário do Uruguai na URSS Juan Lorenzi.

O encarregado interino dos negócios do México na capital soviética, Ernesto Madero, afirmou numa breve alocução, que tudo quanto conduza à aproximação entre os povos e à sua compreensão mútua encontrará o apoio de seu país.

A seguir foi feita a direção da Associação Soviética de Amizade e relações culturais com os países da América Latina, sendo escolhido Khatchaturian para seu presidente.

— O —

É com satisfação que registramos o acontecimento. Na prática, já existem e se estreitam as relações culturais, artísticas, esportivas, além de comerciais e outras, entre países da América Latina e a União Soviética. Numerosos autores latino-americanos são traduzidos e divulgados na URSS. Delegações latino-americanas — inclusive brasileiras, apesar do Brasil não manter relações diplomáticas com a União Soviética — têm visitado a maravilhosa Moscou e outras cidades da URSS. Por sua vez, delegações soviéticas de parlamentares, artistas, esportistas vêm cada vez com maior frequência aos nossos países. As nações que mantêm relações normais com a União Soviética — é o caso da Argentina, México, Uruguai — começam a beneficiar-se dos contactos com a ciência e a técnica soviéticas. Durante o Ano Geofísico Internacional — em que a URSS alcançou os mais altos

progressos — com o lançamento dos primeiros satélites artificiais e do primeiro planetoide — trabalharão lado a lado com os cientistas soviéticos homens de ciência da Argentina, Chile e México.

Torna-se, assim, imperiosa normalizarmos as relações entre o nosso país e a União Soviética. Não obstante a ausência dessas relações no terreno oficial, a vida as reclama de tal forma que elas começam a estabelecer-se na prática. Um governo que vá ao encontro da realidade decidida a pôr de lado as pressões dos imperialistas norte-americanos e as resistências da reação interna, não poderá deixar de entabular relações normais com a União Soviética.

A fundação, em Moscou, da Associação Soviética de Amizade e Relações Culturais com a América Latina é mais uma iniciativa dos soviéticos no sentido da aproximação e compreensão entre os povos, a que não podemos deixar de corresponder. Só teremos a lucrar com esta aproximação.

## 33 Milhões de comunistas

«Atualmente, existem partidos comunistas e operários em 83 países, arregimentando em suas fileiras mais de 33 milhões de pessoas. É uma formidável vitória do marxismo-leninismo, uma grande conquista da classe operária.»

(Kruschiow, informe ao XXI Congresso do PCUS).